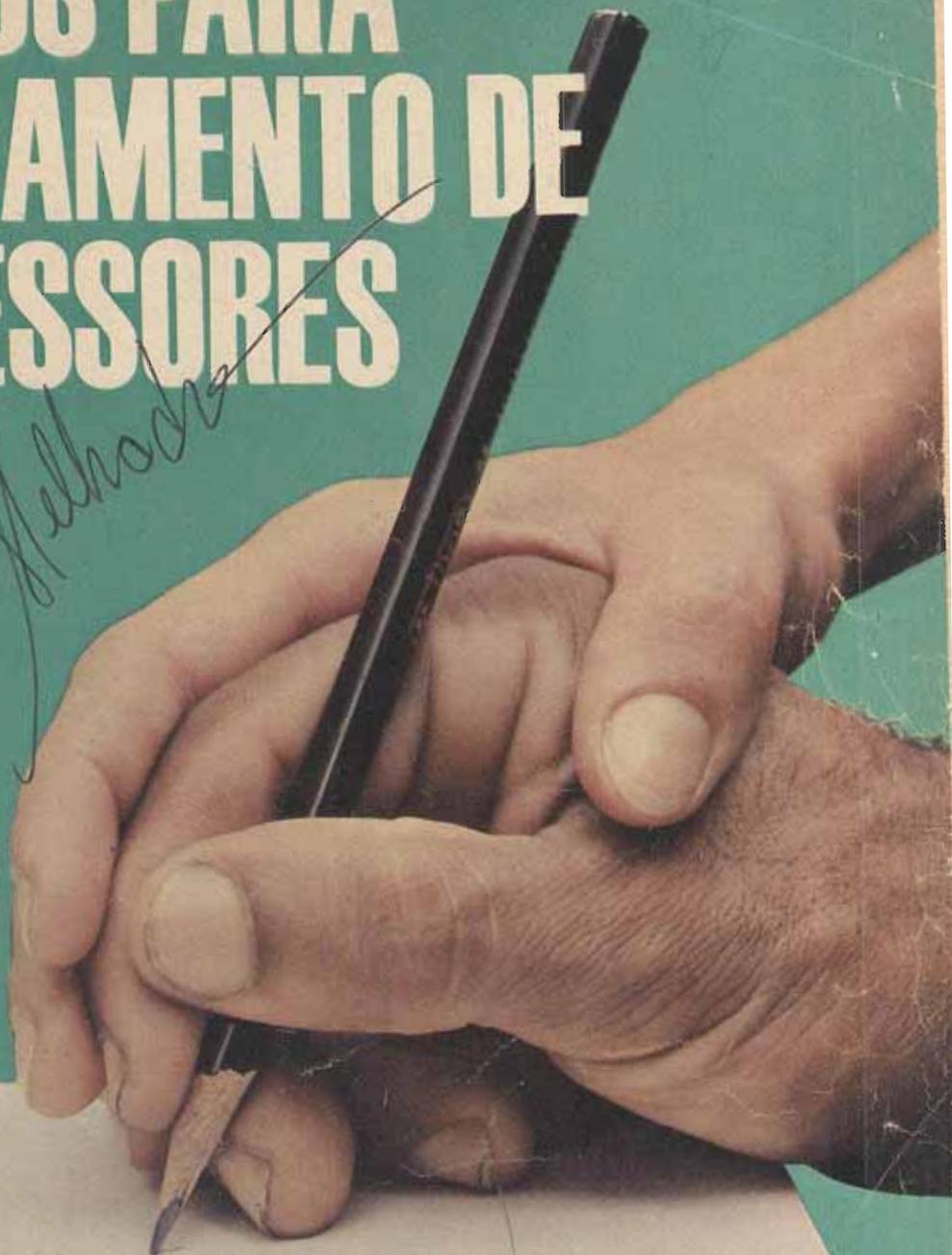


TEXTOS PARA TREINAMENTO DE PROFESSORES

Helena Helocha



**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO
INTEGRADA MOBIL**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Emílio Garrastazu Médici
MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Jarbas Passarinho

MOBRAL
MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
Presidente: Mário Henrique Simonsen
Secretário Executivo: Felipe Spotorno

APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA MOBIL
MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

Roteiro

Helena

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

- 1 — Revitalização da Administração Municipalista
— município como célula-base política
- 2 — Descentralização — delegação de competência (vínculo ao MEC)
- 3 — Envolvimento comunitário
— ação comunitária; aproveitamento
- 4 — Definição de objetivos educacionais e a renovação de métodos e técnicas — revitalização dos sistemas educacionais
- 5 — Acompanhamento e avaliação permanentes — treinamento, reciclagem, replanejamento.

SISTEMATICA DE TRABALHO

- 1 — Comissão Municipal
— ação comunitária
 - continuidade
 - envolvimento de várias camadas da população
 - participação efetiva dessas camadas (subcomissões)
 - interação dessas camadas
 - comissão
 - conselho
 - zoneamento e o levantamento
 - localização dos postos
- 2 — Descentralização
 - 2.1 — política
 - comunicação direta
 - liberdade de organização
 - 2.2 — administração
 - execução
 - suplência dos sistemas
 - a regressão à proporção que o sistema possa assumir

- 2.3 — econômico-financeira
 - criação do fundo
 - verba — orçamentária
 - doações
 - incentivos
 - prestação de contas X adequação de gastos conforme necessidades
- 2.4 — didático — pedagógico
 - condições locais / Censo escolar
 - mobilização pessoal docente
 - objetivos educacionais definidos
 - renovação de métodos e técnicas
 - treinamento e reciclagem de pessoal
 - alfabetização funcional
 - o que é
 - como se faz
 - educação continuada
 - o que é
 - como se faz
 - educação integrada
 - o que é
 - como se faz
 - educação permanente
 - o que é
 - como se poderá fazer
 - material didático
 - alfabetização funcional (condições de elaboração)
 - educação integrada (condições de elaboração)
 - recursos audiovisuais
 - discos
 - cartazes
 - recursos comunitários
 - centros de leitura.

CURSOS DE EDUCAÇÃO INTEGRADA CARACTERÍSTICAS

- quanto aos alunos
 - provenientes dos cursos de alfabetização do MOBRAL
 - faixa etária prioritária 11 a 25 anos
 - preço / aluno / programa 18,00 (1971)
 - organização dos postos
- quanto aos professores
 - nos cursos de alfabetização
 - nos cursos de educação integrada
 - razões
 - treinamento e reciclagem
 - ajuda de custos
- quanto à comunidade
 - levantamento de mercados de trabalho

OBJETIVOS

- organização, implantação e
 - manutenção dos postos de leitura
 - acompanhamento e avaliação
 - aplicação de recursos financeiros e levantamento de novos fundos.
- 1 — continuidade
 - 2 — oportunidade de encaminhamento ao estudo e ou ao trabalho
 - 3 — ingresso em nossos níveis
 - culturais
 - econômicos
 - 4 — ampliação da força de trabalho
 - 5 — participação no Bem-Estar Social

Apresentação do programa MOBRAL

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

1 — REVITALIZAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPALISTA

O município como célula-base de formação política do País

De acordo com as palavras do Sr. Presidente da República, com as Metas e Bases do Governo e a própria Constituição do País é no nível municipal que se forma a base da nacionalidade.

É a vida municipalista, a dinamização de todos os recursos disponíveis para solução dos próprios problemas, a vivência comunitária que formam e desenvolvem o verdadeiro civismo — a cidadania atuante e efetiva.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização tem o município — a comunidade como base de execução de seus propósitos e busca nesta base — os dados e as observações para um replanejamento em seus métodos de ação.

Assim, pela primeira vez na história da Educação no Brasil, a realidade em todos os seus aspectos dá subsídios e diretrizes para uma ação mais objetiva e funcional.

2 — O Movimento Brasileiro de Alfabetização é uma Fundação, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura.

Como um órgão nacional — o MOBRAL Central — normativo (planejador), descentraliza sua execução através do MOBRAL Regional (Regional Sul e Regional NE), MOBRAL Estadual (22 estados) e MOBRAL Municipal (aproximadamente 2.000 municípios).

O MOBRAL Central delega competência a cada um de seus órgãos executores para o desempenho de tarefas e avaliação das mesmas.

3 — A organização e funcionamento das Comissões Municipais (comissão, subcomissões e conselho comunitário) obedecem à orientação do Documento Básico de Implantação do MOBRAL.

A Comissão Executiva e o Conselho Comunitário devem ser formados por representantes de todas as forças da comunidade.

Entendemos por **forças da comunidade** os cidadãos participantes da vida comunitária, aqueles que de uma forma ou de outra co-

laboram, cooperam para o bem comum. Todas as formas de trabalho que resultam em Bem-Estar Social devem ser consideradas.

Os recursos humanos — as pessoas — representam para as comunidades, para o País a sua mais importante e preciosa **matéria-prima**.

4 — O MOBREAL como um Movimento Educacional cujos objetivos devem ser alcançados a curto e médio prazo precisou introduzir modificações na estrutura que encontrou, estrutura esta que de certo modo não corresponde às exigências de sua ação não convencional e de emergência.

Assim, seus objetivos educacionais tiveram por meta O **HOMEM TOTAL**, isto é, o homem em todos os seus aspectos: físico, intelectual, emocional e social.

O MOBREAL, através de sua ação, procura atingir e atuar em todas as áreas que envolvem, não só a recuperação, como também a mobilização de todo o potencial humano.

Ele procura agir como um revitalizador e para isso foi preciso renovar métodos e técnicas de trabalho, inovar meios, para que houvesse não só um melhor aproveitamento como também uma melhor produtividade em sua ação.

A ação do MOBREAL envolve sempre uma **vontade** e uma **intenção**, isto quer dizer que não basta querer fazer as coisas, é preciso saber **por que** e **para que** fazer essas coisas.

É preciso ter bem claro o que queremos obter com o nosso trabalho.

5 — Outro aspecto diferente na ação do MOBREAL é o do acompanhamento e avaliação, do treinamento, da reciclagem e do replanejamento.

Isto significa que devemos estar atentos a todos os passos, a todas as etapas do trabalho, acompanhando e avaliando, a fim de que nossa ação seja a mais adequada, a que mais se aproxima das necessidades pessoais e ambientais.

A obediência pura e simples, sem a participação de quem está executando, não interessa ao MOBREAL. Cada pessoa que participa de uma maneira ou de outra, está engajada, está "compromissada" com o programa MOBREAL e deve dar a sua contribuição através de uma participação ativa e efetiva.

E essa participação deve ser crítica, isto é, deve incluir a avaliação decorrente de uma observação e de um julgamento objetivo (sempre que possível), evitando ao máximo os esquemas feitos e as considerações sem fundamento científico.

6 — Entende-se por alfabetização funcional a alfabetização que tem por objetivo não só

a aquisição das técnicas de ler, escrever e contar, mas a aplicação imediata dessas técnicas no crescimento e no aperfeiçoamento pessoal do alfabetizando, bem como considerada a inclusão desse alfabetizando na força de trabalho da comunidade do País.

A alfabetização funcional se faz através de processos de alfabetização que estejam de acordo com as exigências da língua, pois deve ser **funcional** e não **tradicional**, exige o uso de um vocabulário adequado ao indivíduo e ao meio, as tarefas que ele habitualmente executa, deve atender aos interesses do indivíduo e do grupo e considerar o aluno adulto como pessoa portadora de experiências de vida, integrante de uma cultura e muitas vezes participante na economia de seu meio.

O material didático elaborado sob a supervisão do MOBREAL atende a todos esses requisitos e pressupõe um aperfeiçoamento constante, baseado na experiência e na observação dos alfabetizadores. É um material que já sofreu e deverá sofrer reformulações até atingir a um nível de qualidade que possa ser considerado ideal, dentro das limitações inerentes a sua própria natureza.

Esse estágio, no entanto, só será atingido se pela avaliação constante pudermos introduzir modificações que sejam a resultante de um trabalho de pesquisa, de busca de novas formas de trabalho, mais adequadas aos nossos objetivos e que mais atendam ao Homem e a Todos os Homens.

7 — Entende-se por educação continuada aquela educação que oferece ao indivíduo oportunidade de continuação de estudo em novos níveis. O que o MOBREAL está fazendo agora, oferecendo os cursos de extensão e de recuperação aos que se alfabetizaram, é educação continuada. E porque visa integrar o indivíduo, partindo da própria integração pessoal, à integração na comunidade — social — e na força de trabalho, é também educação integrada.

Isto é, visa integrar o indivíduo para que ele interaja e se torne participante ativo e efetivo da sua comunidade.

8 — Entende-se por educação permanente o duplo processo de aprofundamento, tanto pela experiência pessoal quanto da vida social global que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito — da Pessoa Humana —, qualquer que seja a etapa da existência que esteja vivendo.

A Educação Permanente não é uma educação extraclasse, nem complementar, nem de adultos, nem continuada, nem integrada.

Ela é muito mais que isso e não pode ser definida tendo como base o sistema vigente. É o próprio sistema que deve ser reconsiderado a partir da Educação Permanente e os educadores devem repensar e redefinir a educação tendo em vista esta nova perspectiva, mais dinâmica, dentro de um conceito de evolução contínua e tendo em vista os objetivos a atingir, que é o do Homem como sujeito e agente das transformações no mundo físico e social.

Fatores econômicos e sociais relacionados com o progresso. Educação Integrada

Para nós que estamos participando da experiência de Educação Integrada, é importante o conhecimento de alguns fatores econômicos e sociais relacionados com o progresso.

Achamos que só compreendendo esses fatores poderemos atuar conscientemente sobre as situações da vida social e econômica, que interferem no Programa.

Inicialmente, gostaríamos de colocar a idéia de que a transformação de um estágio econômico de concepção quase feudal, para outro de características capitalistas, é o que vem configurando o momento econômico atual do Brasil.

Como já se viu, essa passagem não ocorreu no mesmo ritmo em outros setores da vida social, e entre estes o da Educação.

Tal fenômeno significa, dentro da nossa estrutura, uma brecha, uma lacuna que di-

ficulta e até mesmo impede o desenvolvimento pretendido.

O fato da Educação não se voltar para o objetivo de reduzir essa lacuna a proporções mínimas, e contribuir, dentro dos seus limites, para harmonização do processo desenvolvimentista que estamos vivendo, pode ser encarado como a descaracterização do seu papel.

Pode-se de maneira bem simples definir a Educação Integrada como um tipo de técnica educativa que pretende ser um INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO DO HOMEM AO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA SUA SOCIEDADE.

Logo, a experiência de Educação Integrada, é uma tentativa de ajustar o ENSINO às necessidades de uma SOCIEDADE, que precisa ultrapassar uma situação de subdesenvolvimento, e alcançar, no menor período possível, um estágio social, cultural e econômico mais avançado, isto é, mais desenvolvido. O caminho que um país, uma região ou um município tem que percorrer para alcançar o desenvolvimento é realizado **gradativamente**, em etapas.

O encadeamento dessas etapas é o que se chama de processo de desenvolvimento. O fato de o desenvolvimento (ou progresso) se realizar em etapas, significa que, para alcançar um **ponto ótimo**, deve-se **antes** alcançar outras etapas que irão favorecer que se atinja o desenvolvimento pleno. Isto não quer dizer, entretanto, que o processo tenha sempre uma determinada duração. Ao contrário. E se estamos falando em períodos menores possíveis, é porque estamos pensando em acelerar o processo, para atingir, mais rapidamente, estágios mais avançados.

Cabe ainda lembrar que o caminho para o desenvolvimento pleno de uma sociedade **não é padronizado**, pois ele depende de uma série de características geográficas, culturais, sociais e econômicas do meio. O fato de não existir um modelo absoluto nos leva então a encarar o problema sob uma visão **RELATIVISTA**. Sob essa visão relativista podemos, muitas vezes, verificar que, apesar de serem diferentes as soluções utilizadas pelos grupos humanos, os resultados se equivalem. Por outro lado, podemos, também, sentir que os valores culturais do grupo determinam uma ênfase maior em um setor — econômico por exemplo — e menor em outro — como por exemplo o estético.

Pode-se definir o desenvolvimento como um processo global, que visa obter para

uma população maior bem-estar social, melhores níveis de vida. O desenvolvimento econômico tem aqui um papel **muito importante**, como **meio** para se atingir esse bem-estar social, porém não deve nunca ser encarado como um **fim**. Logo, o desenvolvimento de uma região não deve ser medido, **exclusivamente**, pela sua produtividade econômica. A forma correta de avaliar o grau de progresso de uma comunidade humana é verificar os **resultados sociais** decorrentes da sua atividade econômica.

Como resultados sociais estão compreendidos todos os fatos decorrentes de uma melhor distribuição da riqueza, por exemplo: assistência médico-hospitalar à população, oportunidades de escolaridade, qualificação e especialização de mão-de-obra, capacidade de consumo e poupança, capacidade de absorção da mão-de-obra disponível pelo mercado de trabalho, etc.

Assim, verificamos que existe uma relação entre desenvolvimento e produtividade, assim como também deve existir entre produtividade e bem-estar social.

Agora, vamos tentar incluir neste esquema de raciocínio o fator educacional, como um dos elementos mais eficientes para que uma dada população possa desencadear um processo de desenvolvimento harmonioso.

Como lembramos anteriormente, o desenvolvimento econômico é um **MEIO que deve ser utilizado** para se obter o bem-estar social de uma comunidade. Do mesmo modo, os programas educacionais podem ser um **MEIO** ou podem **SERVIR DE BASE** para o desenvolvimento econômico (maior produtividade). Estamos assim construindo uma **CADEIA**.

Assim vista, a Educação passa a ter o papel de **INSTRUMENTO** e passa a ser encarada também como investimento prioritário. Porém, para que este instrumento funcione e a inversão seja rentável é necessário que a Educação seja programada de forma **mais funcional**, o que irá permitir ao sistema econômico incorporar, absorver, os resultados dessa nova orientação.

O problema da Educação e sua programação adquire aqui uma dimensão nitidamente econômica. Isto se deve a que no mundo moderno, e mais especialmente em relação ao Brasil, o fator econômico pode e deve funcionar como **fator impulsionador** do desenvolvimento, embora não seja, como já dissemos, o sistema econômico — sua organização e produtividade — **A MEDIDA DO ESTÁGIO DE DESENVOLVIMENTO** de uma população.

Logo, o que se propõe como orientação

para um programa educacional **diretamente** relacionado com a atividade econômica seria: A) a extinção de quaisquer métodos de seleção que dificultem ou impeçam a permanência dos alunos no programa; B) a adequação das atividades educacionais a épocas, locais, horários que levem em conta o meio econômico e social dos alunos; C) a criação e formação de uma força de trabalho capaz de absorver conhecimentos **práticos** nas diferentes atividades — agrícolas, florestais, minerais, industriais, etc., cujas necessidades podem ser conhecidas e definidas; D) a preocupação em ensinar a trabalhar, produzir, **criar**, agir; E) a adoção de métodos e conteúdos de ensino relativamente abreviados (**ACELERAÇÃO**).

Esta nova forma de encarar a Educação não requer somente mais escolas, melhores professores ou equipamentos, mas requer, principalmente, uma **concepção funcional da atividade educativa**, isto é, a Educação servindo como instrumento, programada para atingir objetivos concretos, que **podem, à primeira vista, estar mais ligados ao setor econômico**, mas que, **globalmente, se relacionam com todas as atividades, aspirações e idéias de uma comunidade**.

Abaixo relacionamos alguns dos requisitos sociais do desenvolvimento que devem ser explorados durante o programa de Educação Integrada, e que darão a essa experiência o conteúdo econômico e sócio-cultural que se lhe deseja imprimir:

- a organização e coesão de grupos que, mediante esforços conjuntos, possam empreender tarefas (exs.: cooperativas, associações, sindicatos, equipes);
- a formação do conceito de responsabilidade individual e de grupo;
- a formação do conceito de participação;
- a aceitação de normas melhoradas de nutrição e saúde e a manutenção de condições de higiene crescente;
- a transformação do conceito de bem próprio (material ou não) de uso restrito, e em benefício pessoal em um conceito mais preciso que reconheça a primazia das necessidades coletivas;
- a necessidade de se criarem ou fortalecerem princípios de moralidade para a execução e desempenho das tarefas do desenvolvimento;
- a participação da população para a exigência de responsabilidade dos poderes públicos.

Apesar de não se pretender oferecer receitas de como realizar o trabalho, é necessário que o professor se oriente dentro dos

itens apresentados. Isto o levará a uma ação objetiva DIRIGIDA AOS FINS DO PROGRAMA.

Algumas atividades relacionadas com os requisitos sociais podem e devem ser colocadas em prática, como por exemplo:

— a divisão da turma em grupos responsáveis pela:

- limpeza
- ordem
- decoração
- pinturas

— consertos na sala de aula

— a pesquisa, em equipes, de determinados aspectos problemáticos da vida, da comunidade e o levantamento de soluções;

— o uso sistemático do voto para eleição de representantes, de temas a serem estudados, de programas a serem realizados, etc.;

— a auto-avaliação periódica por parte do professor e seus alunos, quanto a aspectos tais como frequência, interesse, comportamento social, etc.;

— a criação de associações de bairro, visando a melhoria de condições de saneamento, de eletricidade, de educação ou qualquer outro aspecto carente dentro da área;

— a utilização do mutirão para realizar tarefas de auxílio mútuo.

Essas e outras atividades levam o aluno a entender o seu papel como elemento dinâmico de uma sociedade, isto é, como pessoa que pode agir e reagir, que pode criar, que pode mudar, transformar coisas.

É na medida em que o aluno começa a atuar sobre o seu meio (pessoas, coisas, instituições e idéias), que ele poderá sair de um estado de **OBJETO** para se transformar em **SUJEITO**.

Somente quando um Homem age, cria, transforma é que ele está cumprindo seu papel na HISTÓRIA DO GRUPO, não importando a dimensão desse grupo nem o tipo de pessoas que o formam.

É claro que ele (o professor) não pode nunca dificultar esse processo de **reconhecimento humano** através de críticas pessoais ou de outras formas de inibição.

E aqui seria interessante lembrar que ocorre com muita frequência o professor pertencer, **SOCIOLOGICAMENTE**, a uma classe social diferente dos seus alunos. Em consequência, o professor procura levar sua classe a interpretar a realidade, a viver, a pensar, a ter atitudes do seu próprio grupo social.

Este tipo de relacionamento dificulta o trabalho educativo.

O que esperamos não é que as pessoas rejeitem o seu estilo de vida, mas que o melhorem.

Por outro lado, se o professor não **ACEITA** integralmente o seu aluno, terá poucas condições para compreender e entrar dentro da realidade dele.

Talvez esse tipo de trabalho apresente dificuldades para o professor. Ele precisa entender o seu novo papel, que não é de **professor**, mas de **animador**.

Em outras palavras o professor não é mais, **SOMENTE**, uma pessoa que está presente na sala de aula para **ENSINAR** coisas. Ele é **A PESSOA** que vai **CONDUZIR** o grupo através do programa, que vai **PROPOR** novos temas, novas idéias. Ele é um **AGENTE** que procura obter a **REAÇÃO**, a **RESPOSTA** dos seus alunos. Para que o professor chegue a esse entendimento do seu papel, ele deve deixar de lado toda e qualquer atitude profissional e se situar como **MEMBRO DE UM GRUPO** que tem a **FUNÇÃO DE ORIENTAR** e não de **DETERMINAR** o grupo. O fato de ser ele o "professor" não quer dizer que os resultados educacionais dependem somente do seu **SABER**, tais resultados dependem, principalmente, de sua **ATITUDE**.

Para terminar e retomando a idéia inicial deste texto, lembramos que a Educação Integrada é um programa educativo-social que tem uma motivação econômica e pretende estar voltada para o desenvolvimento do setor econômico, porém, por outro lado, este desenvolvimento econômico deve favorecer o desenvolvimento social. É deste circuito que surge o progresso.

Aceleração

INTRODUÇÃO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA TÉCNICA DE ACELERAÇÃO COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, TENDO EM VISTA BASES PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E ECONÔMICAS PARA SUA APLICAÇÃO.

2 — DESENVOLVIMENTO

Aceleração como processo de aprendizagem

- conceito e características
- aplicação

3 — CONCLUSÃO

Aceleração como resposta ao processo educacional numa sociedade em desenvolvimento.

1 — Os conceitos tradicionais do processo escolar mostram-se, diante das mudanças sociais que se vêm operando, extremamente inadequados.

O processo educativo é, todavia, rigorosamente vigiado pela sociedade, que vê, com desconfiança, qualquer mudança radical nas práticas pedagógicas, na convicção de que, o que era bom antes, deverá evidentemente, sê-lo hoje.

Hoje em dia, já se admite que não é a Escola que educa, mas a comunidade inteira, com suas formas culturais e seu mecanismo de pressão, concluindo-se daí que toda essa massa de estímulos desempenha um papel novo e decisivo na maturação do indivíduo.

Dessa forma, a Escola, principalmente em sua forma tradicional, não é necessária, em termos absolutos, à obtenção de elevado grau de maturação individual e razoável nível de enculturação do ponto de vista social.

Assim, a criança que ficasse sem escola, não estaria **educacionalmente parada** — o processo biológico estaria trabalhando o seu desenvolvimento (MATURAÇÃO) e a sociedade provocando a sua adaptação ao meio (ENCULTURAÇÃO) — de modo que um processo educacional não teria, taxativamente, de repetir todos os passos tradicionais da escolarização, como se o indivíduo estivesse com a idade escolar normal.

A pesquisa tem demonstrado que existe uma alternância entre maturação e escolarização. Esta, a escolarização, deve conformar-se àquela. Já a maturação PODE SUBSTITUIR largos lapsos de escolarização. O adolescente de 14 a 15 anos, em virtude de ter alcançado grau superior de maturação espontânea, pode suprimir, na prática, parte do período escolar correspondente à escola primária, colocando-se, em poucos meses, no mesmo nível pedagógico da criança que fez quatro ou cinco anos primários a partir dos sete anos.

Num trabalho com crianças, para que elas possam tirar proveito e aprender, a oferta de experiências deve ser compreensível, estar de alguma forma ligada às suas experiências anteriores e acompanhar seu nível de crescimento.

Já as características de um grupo de Adolescentes e Adultos são bem diferentes. Para eles, aprender já é uma motivação em si

mesmo, pois buscam recuperar o "tempo perdido" na infância e atender a necessidades imediatas de vida. Por outro lado, têm eles experiências anteriores mais vastas e mais ricas, que devem ser aproveitadas para acelerar o trabalho de classe.

Esses alunos estão mais "prontos" para a aprendizagem, uma vez que já ultrapassaram as etapas fundamentais do desenvolvimento psicológico e biológico. Tanto o seu potencial como seu pensamento são diferentes do infantil.

Vale aqui analisar as diferenças entre crianças na faixa etária escolar (6 a 11 anos) e Adolescentes e Adultos, quanto aos aspectos:

"prontidão" para a aprendizagem
tipo de pensamento.

O desenvolvimento das pessoas é resultado de dois fatores fundamentais, que agem um sobre o outro. O fator biológico, produto mesmo do crescimento e das modificações celulares e de funcionamento do cérebro — maturação, que dá condições de potencial — e os efeitos da aprendizagem e da experiência sobre esse potencial ("prontidão").

Todavia, nenhuma experiência ou aprendizagem pode substituir células nervosas não amadurecidas, isto é, não prontas para determinado funcionamento.

Por outro lado, sabemos que, desde que haja uma maturidade básica, a atividade, o exercício e a estimulação são extremamente bem sucedidos e podem até acelerar o processo geral de maturação.

Exemplificando: uma criança não aprenderá a andar se suas células nervosas não permitirem que nervos e músculos estejam prontos a desempenhar as suas funções. **Nenhum exercício fará um bebê de dois meses andar.** Mas, logo que haja um mínimo de amadurecimento cerebral, o exercício constante pode levar a criança a andar prematuramente, ainda que custando muito esforço e podendo trazer dificuldades posteriores. Se, porém, o cérebro, nervos e músculos estão suficientemente "maduros", prontos para essa atividade, o exercício alcançará seu máximo rendimento, e a aprendizagem será rápida e fácil.

Por este exemplo pode-se concluir que Adolescentes e Adultos, já inteiramente amadurecidos nos aspectos motores e de percepção (visual, auditiva etc.), são rapidamente bem sucedidos, quando estimulados e exercitados em tarefas que exijam tais habilidades, o que **JUSTIFICA** e mesmo **SOLICITA** uma **ACELERAÇÃO** da aprendizagem.

O pensamento humano desenvolve-se progressiva e paulatinamente, não só em quantidade, mas principalmente em qualidade.

O pensamento de uma criança e de um adulto são **DIFERENTES**, o que condiciona a possibilidade de compreensão do mundo e do que nos cerca de forma diversa. Assim sendo, também as possibilidades de aprender serão diferentes, conforme o tipo de pensamento de que a pessoa é capaz.

Uma criança ao entrar para a escola tem, comumente, 6 a 7 anos, e seu pensamento guarda, ainda, restos de um **pensamento mágico** (em que os objetos têm vida, por exemplo, e as coisas se realizam de acordo com os desejos infantis), desligado muitas vezes da realidade concreta. Seu pensamento é intuitivo. A criança pensa o que percebe, pois tem pouca possibilidade de se prender aos dados da realidade e interpretar logicamente os fatos.

A medida que cresce, vai, todavia, tornando-se capaz de apreciar melhor a realidade concreta e substituir, aos poucos, o pensamento intuitivo pelo raciocínio, por um pensamento lógico ainda muito ligado, porém, às qualidades concretas e objetivas da realidade que acabou de descobrir (7, 8 e 9 anos), e que explora intensamente, acumulando uma grande quantidade de informações.

Dai em diante, começa a organizar essas informações em conjuntos, a generalizar os fatos, criando, assim, uma **lógica** cada vez maior no seu pensamento.

Após os 12 anos o pensamento vai ultrapassando a experiência concreta, desliga-se do concreto, é capaz de operações abstratas, de coerência interna de pensamento, de **raciocínio lógico** a partir de hipóteses. É o **pensamento racional**.

É fácil compreender que, para os que já têm esse tipo de pensamento, as etapas de concretização das noções e experiências podem ser muito aceleradas, bem como será muito mais fácil a transferência de conhecimentos e a busca de soluções novas e originais para os problemas que se apresentarem.

É forçoso notar, ainda, que Adolescentes ou Adultos não escolarizados, embora dotados de pensamento bem diferente do infantil, terão com ele alguns pontos de contato. É comum, por exemplo, encontrar-se neles uma espécie de **pensamento mágico** (denominar os fatos que não sabem explicar de "mau olhado").

Assim, um planejamento de educação de adultos deve levar em conta que o trabalho

a ser desenvolvido será com indivíduos normais, de bom-senso e, por vezes, dotados de profunda capacidade de observação e julgamento, donde a necessidade de se procurar uma base firme na **experiência concreta de vida**, para conseguir levar a raciocínios mais complexos e abstratos.

Sabemos que todos os eventos de que participa o homem geram-se e se desenvolvem num clima psicológico, onde as **MOTIVAÇÕES** são os aspectos mais salientes.

Não existe fenômeno humano sem bases energéticas, representadas pela efetividade do grupo em ação.

No campo individual, qualquer professor sabe que o êxito escolar é **menos** função de inteligência excepcional e de boa didática, do que de **ENTUSIASMO**. E entusiasmar é quebrar o bloqueio que represa energias latentes, deixando explodir toda a força contida pelo estado psicológico de frustração ou de inércia em que o indivíduo julga inútil qualquer esforço, como que economizando energias para momentos críticos.

Assim, quando o problema é de **ACELERAÇÃO**, todas as forças, internas e externas, devem ser convocadas para a tentativa de escapeamento do campo gravitacional.

Ora, se entendemos que **DESENVOLVIMENTO** não significa apenas desenvolvimento econômico, mas **DESENVOLVIMENTO GLOBAL**, isto é, econômico, social e humano, aquele desenvolvimento que, elevando a produção e a renda nacional, eleva o homem, educa-o para a consciência dos direitos humanos, dos deveres para com a sociedade, ajustar um homem à condição de membro de uma sociedade desenvolvida, é dar a ele conhecimentos, técnicas de trabalho, formas de comportamento, atitudes e modos de pensar adequados às características dessa sociedade. É levá-lo a uma constante **MUDANÇA DE ATITUDE**.

Para isso, o primeiro passo será uma renovação didática, acompanhada por uma modificação curricular e programática. Todavia, não é possível mudar estruturas educacionais tradicionais sem criar um entusiasmo, firmemente apoiado em preceitos científicos, que não sejam questionáveis.

É necessário o engajamento do magistério no esforço do desenvolvimento, mesmo que esse engajamento se faça apenas a título de renovação técnica.

Mas renovação pedagógica não se faz senão com um consenso unânime de toda a comunidade, pois o maior obstáculo não é uma resistência sistemática dos professores, mas uma falta de cobertura social para a renovação. O professor é extremamente sen-

sível ao controle social e familiar de sua atividade, principalmente nos graus mais elementares do sistema escolar.

Contudo, um clima geral de renovação, de CARÁTER POPULAR, pode levar a uma renovação pedagógica, ainda que retardada. Nesse caso, a Educação, em vez de criar as pré-condições do Desenvolvimento, vai arrastada pelos fatores gerais, que não deixam de ser educacionais "latu sensu".

Daí porque a prioridade inicial deverá ser sempre para o empreendimento de caráter geral, melhor dito, de caráter extra-escolar, ou extra-sistema escolar.

No Brasil, a Alfabetização parece o setor de prioridade absoluta, seja porque atingirá a nação como uma totalidade, seja porque o analfabetismo é o principal fator de entrave ao Desenvolvimento.

É como jogar o fermento na massa. A nação inteira, a título de alfabetização, empenhar-se-á num DIÁLOGO, tendo como tema a nossa realidade e a participação de todos no esforço de DESENVOLVIMENTO.

2 — Num país como o Brasil, que acorda tardiamente para a necessidade de educação em massa, durante muito tempo o sistema escolar será perturbado pelo fenômeno de matrículas de alunos em idades escolarmente defasadas.

Enquanto não houver especialistas em aceleração, a promiscuidade etária será um mal necessário.

Deve-se, pois, adotar a mística da ACELERAÇÃO de todos os processos didáticos, para o que, a principal fonte de recursos serão os meios de comunicação de massa.

Se há uma didática especial para cada nível do pensamento ao longo da maturação, a ACELERAÇÃO supõe uma drástica mudança metodológica, que apela para a capacidade de raciocínio, que a criança não possui.

A centração didática será feita, não na quantidade de programa a recitar aos alunos, mas NO NÍVEL DE MATURAÇÃO E ENCULTURAÇÃO do aprendiz.

Diante dos recursos modernos de comunicação, o professor será mero animador do trabalho dos alunos, a quem levará à biblioteca, ao laboratório, ao campo e, sobretudo, a elaborar seu pensamento através de atividades autônomas e dinâmica de grupo.

A visão da liberdade é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia, na medida da participação livre e crítica dos educandos.

Considerando o princípio essencial de que **TUDO E QUALQUER TIPO DE APRENDIZA-**

GEM encontra-se intimamente associada à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando, o ponto de partida para o trabalho está em assumir a liberdade e a crítica como modo de ser do homem.

O aprendizado, extremamente rápido, só pode efetivar-se no contexto LIVRE E CRÍTICO das relações que se estabelecem entre os educandos e entre estes e o coordenador, o qual JAMAIS exercerá as funções de "professor". O DIÁLOGO é a condição essencial de sua tarefa: coordenar, sem jamais influir ou impor.

Uma das grandes características da educação no BRASIL é a de vir enfatizando, cada vez mais, posições ingênuas, que deixam o educando na periferia de tudo que trata. Pouco, ou quase nada, leva a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras. Tudo, ou quase tudo, leva à passividade, ao "conhecimento" memorizado, não exigindo qualquer elaboração ou reelaboração, deixando-o em posição de inautêntica sabedoria.

A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Mas como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditam-se idéias, não se trocam idéias. Discursam-se aulas, não se debatem ou discutem temas. Trabalha-se sobre o educando, não com ele. Impõe-se-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda.

A educação só tem sentido, quando possibilita ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Quando o coloca em diálogo constante com o outro. Quando o predispõe a constantes revisões, à análise crítica de seus "achados".

A educação só tem sentido quando leva o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. Quando o leva à intimidade com eles. A pesquisa, ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A vitalidade, ao invés de simples contato com idéias inertes, que a mente se limita a receber sem que as utilize, verifique ou transforme em novas combinações.

É preciso, todavia, NÃO CONFUNDIR teoria com verbalismo. A teoria, na verdade, é necessária, pois implica numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo plenamente, praticamente. Nesse sentido é que teorizar é contemplar.

A educação brasileira não é teórica, porque lhe falta esse gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa. Ela é verbosa, palavresca, assistencializadora. Não comunica, faz comunicados, coisas bem diferentes.

Há de se pensar, pois, numa Educação que seja em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Em que o homem não seja seu paciente, seu objeto, mas que desenvolva a impaciência e a vivacidade, características dos estados de procura, de invenção e reivindicação.

É necessário partir da posição normal do homem, que é NÃO de apenas ESTAR NO mundo mas COM o mundo. A de travar relações permanentes com esse mundo, de que decorre, pelos atos de criação e recriação, o ACRESCENTAMENTO que ele traz no mundo natural, que não fez, representado na realidade cultural.

E de que, nessas relações com a realidade, e na realidade, trava o homem uma relação específica — de sujeito para objeto — de que resulta o conhecimento.

O homem, contudo, não capta o dado da realidade, o fenômeno, a situação problemática pura. Capta também seus nexos causais. Apreende a causalidade. A compreensão resultante da captação será tão mais crítica, quanto seja feita a apreensão da causalidade autêntica.

Examinando isso, pode-se conceituar a técnica de ACELERAÇÃO como:

PROCESSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO, QUE UTILIZA, AO INVÉS DE CONTRARIAR, AS FORÇAS PSICOLÓGICAS EM AÇÃO DENTRO DOS INDIVÍDUOS E DOS GRUPOS.

A ACELERAÇÃO da aprendizagem pode substituir a necessidade de rígida e formal seriação o que equivale dizer que a idade cronológica é o verdadeiro critério de matrícula.

Como realizar isso? Como proporcionar ao homem meios de superação de suas atitudes, mágicas ou ingênuas, diante de sua realidade? Como ajudá-lo a criar e a inserir-se?

A resposta parece ser:

- a) num MÉTODO ATIVO, DIALOGAL, CRÍTICO E CRITICIZADOR;
- b) na modificação do conteúdo programático da educação;
- c) no uso de técnicas como a da REDUÇÃO E CODIFICAÇÃO.

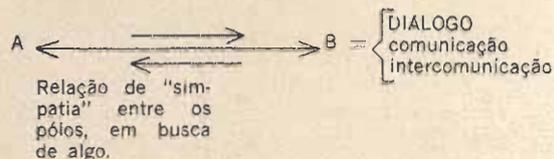
Que é o DIÁLOGO?

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de u'a matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança e da confiança. Por isso, só o DIÁLOGO comunica.

Quando os dois pólos do diálogo se ligam, com amor, esperança e fé um no outro, fazem-se críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. **SÓ AI HÁ COMUNICAÇÃO.**

O DIÁLOGO é, portanto, o caminho indispensável, em todos os sentidos.

MATRIZ: Amor, humildade, esperança, fé, confiança crítica.



Já o antidiálogo implica numa relação vertical de A sobre B. É desamoroso, acrítico e não gera criticidade.

No antidiálogo quebra-se aquela relação de "simpatia" entre seus pólos. Por isso não comunica, faz comunicados.

É preciso, pois, inaugurar uma Pedagogia da Comunicação que vença o desamor acrítico do antidiálogo.

Por outro lado, quem dialoga dialoga com alguém, sobre alguma coisa. Essa alguma coisa deveria ser o NOVO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO da educação defendida.

A primeira dimensão desse novo conteúdo, para ajudar o educando na superação de sua compreensão mágica ou ingênuas e no desenvolvimento crescente da crítica, seria a apresentação dos conceitos, após sua "redução" a traços fundamentais, em situações existenciais "codificadas", capazes de desafiar os grupos e levá-los, pela sua "decodificação", às compreensões necessárias.

Na medida em que se intensifica o diálogo em torno das situações codificadas, e os participantes respondem diferentemente a

eles, que os desafiam, e que compõe a informação total da situação, instala-se um "circuito" de todos os participantes, que será tão mais dinâmico, quanto a informação corresponder à realidade existencial dos grupos.

A meta a atingir, na etapa introdutória, **NAO É A ELUCIDAÇÃO DE CONCEITOS**. O que fundamentalmente importa é que se propicie aos educandos, particulares e concretos, condições de **VERDADEIRA PARTICIPAÇÃO**.

Por isso, as imagens devem poder expressar algo deles próprios e, tanto quanto possível, seguindo **SUAS PRÓPRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO PLÁSTICA**.

O debate que abre os trabalhos é também o início da conscientização, **não como preliminar do processo**, mas porque, segundo essa pedagogia, o aprendizado já é um modo de tomar consciência do real e, como tal, só pode dar-se **DENTRO** dessa tomada de consciência.

Os debates de grupo buscam ora o aceleração de situações, ora ação mesma, decorrente daquele aceleração.

Comparando o processo com o sistemático regular, ter-se-ia:

ESCOLA (ainda que ativa) — passividade	_____	CÍRCULO DE CULTURA (dinâmica)
PROFESSOR (doador)	_____	COORDENADOR (animador)
AULA (discursiva)	_____	DIALOGO
ALUNO (passivo)	_____	PARTICIPANTE DE GRUPO
"PONTOS" (programas alienados)	_____	PROGRAMAÇÃO COMPACTA (reduzida e codificada em unidades de aprendizado)

A aprendizagem assim, funciona, ora como processo catártico — que fornece meios de evasão para as perplexidades até então intraduzíveis — ora como instrumento de formação de consciência crítica, ora como instrumento novo de ação para solução real ou simbólica de aspirações até então mal formuladas.

Do ponto de vista técnico, colocar a aprendizagem como um processo de decodifica-

ção de u'a mensagem codificada, aproveitando os princípios da teoria da comunicação, é valiosíssimo, pois o que tem de ser decodificado é o processo mesmo de transmissão em si.

Por aí se vê, que a atitude que se deseja do educando é inteiramente nova do ponto de vista da didática: em vez de matriz passiva em que se imprimem, por mero condicionamento, certos tipos de respostas automatizadas, solicita-se dele a atitude ativa de análise (decodificação) e de construção (codificação) de novos conceitos, o que está rigorosamente de acordo com o tipo de atividade psicológica do adulto, que tende para a operacionalidade.

O papel do professor é, também, nesse processo, inteiramente novo: não tem como função transmitir algo, como é tradicional, mas funciona como agente estimulador e catalítico, função essa, que se impõe hoje, didaticamente, para a atividade magisterial em todos os níveis.

A técnica exposta é retirada dos processos de dinâmica de grupo, em que o professor não ensina: cria uma situação de aprendizagem em que o próprio esforço motivado do aluno provoca a aprendizagem.

Ora, uma função como essa, não exige alta especialização técnica, mas apenas um pouco de liderança para fazer um grupo atuar em direção ao objetivo, podendo perfeitamente acontecer, que do próprio grupo surja a liderança, aparecendo o professor como mero fornecedor de elementos novos para a continuidade da atividade grupal.

O professor funcionará então, como simples **operador**, ganhando o grupo ampla autonomia, como é altamente desejável em didática.

3 — De tudo que foi examinado, muitas conclusões podem ser tiradas, para uma reformulação do sistema escolar.

As escolas que recebessem os retardatários poderiam aplicar a técnica de **ACELERAÇÃO** e de intensificação que, apresentada aqui como um recurso de recuperação, poderá um dia revelar-se como a forma didática mais eficiente em todos os casos.

Evidentemente, a matéria será ainda objeto de pesquisa pedagógica e melhor sistematização.

Essas considerações, todavia, não são apenas hipóteses para ajudar a refletir diante dos problemas educacionais relacionados ao desejo universal do povo brasileiro de escapar ao subdesenvolvimento.

Muitas vezes as soluções emergenciais são as que se revelam mais autênticas, por desprezarem o peso da tradicionalidade e da rotina.

A ACELERAÇÃO pode assim ter dois efeitos:

- a) colocar os retardatários da escolarização no nível pedagógico de sua idade, já que para isso existe a maturidade que adquiriu espontaneamente;
- b) eliminar a capacidade ociosa das escolas e sua ineficiência por uma reorganização administrativa, que leve em conta e estimule as capacidades individuais e utilize forças da dinâmica de grupo, que são simplesmente ignoradas no atual regime escolar.

A racionalização, que efeitos tão espetaculares produzem em outros setores de atividade humana, poderá vir a ter profunda influência no sistema escolar.

Por outro lado, se olhamos a EDUCAÇÃO PERMANENTE como uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência que esteja vivendo, concepção essa que inclui três pontos fundamentais:

- 1 — qualquer atividade humana, qualquer aspecto de praxis, presta-se a uma formação;
- 2 — a educação é uma atividade de um sujeito e não um conjunto de instituições;
- 3 — a educação é sumamente ligada à nossa maneira de viver o tempo e os tempos; consiste em "aprender" como organizar a sua vida no tempo, seja qual for a idade cronológica de alguém.

Isso quer dizer que a Educação Permanente deve utilizar **todas** as possibilidades do sistema educacional vigente, e influir sobre a sua estrutura, de maneira que se adapte às exigências de uma sociedade em rápido desenvolvimento.

Observado isso e em face da matéria ora examinada, poderemos afirmar que a ACELERAÇÃO é a resposta ao processo educacional, numa sociedade em desenvolvimento.

O papel do professor

Para nossa reflexão sobre o professor não pretendemos apresentar doutrinas complicadas nem técnicas especialíssimas ou difíceis, mas um trabalho que permita ao professor desenvolver suas atividades, tornando-se "mais humano".

É muito difícil se determinar o que é menos ou mais humano, pois esses conceitos vão depender do que cada um de nós já recebeu. Uma das necessidades do Homem consiste em ser mais do que já é, a partir de tudo que já adquiriu, do que ele tem de possibilidades dentro dele e do que lhe apresenta seu meio físico, econômico, social e cultural.

Assim, há uma série de exigências capazes de modificar aos poucos, comportamentos individuais ou coletivos, que permitam essa passagem do menos para o mais.

Cabe pois ao professor, ajudar seus alunos a, livremente, "adquirirem mais valor".

Não é um trabalho fácil, mas dele todos nós vamos tirar um fruto, que será nosso próprio crescimento, pois cada um cresce na medida que colabora para o crescimento de todos. A gente sempre se "torna mais", fazendo com que o mundo "seja mais" e lutando com todas as nossas forças para não deixar que ele "seja menos".

Nessa faixa, tudo nos deve interessar, "pois não basta cuidar das necessidades imediatas, enquanto as inteligências não forem alargadas, enquanto as vontades não forem fortalecidas, enquanto os melhores não estiverem animados de um grande ideal".

Das características da educação tradicional que vêm sendo superadas, uma delas sobretudo vem resistindo tenazmente. É a que consiste em situar a educação, no seu sentido rigoroso, numa determinada época de vida.

Atualmente, é esse o sentido de Educação Permanente: a sociedade deve banhar-se, isto é, entrar profundamente, numa cultura incessantemente renovada, que ultrapassa a Escola

Ora, o Brasil é um país que precisa criar atalhos para alcançar depressa o futuro e sua Educação deverá pois, e logicamente, modificar-se quanto ao conteúdo, à duração e à permanência do processo educativo.

O tamanho dessa tarefa exige, não só a transformação da ESCOLA, como o concurso de outras formas de educação.

A conceituação do que seja "professor" pode ser tomada em sentido lato e em sentido estrito.

Em sentido lato, é todo aquele que no convívio social exerce influência positiva no aperfeiçoamento de atitudes e condutas, e aquisições culturais. Inclui portanto, professores, pais, sacerdotes, líderes políticos etc...

Em sentido estrito, é aquele que age diretamente no meio escolar, no sentido de exercer uma influência instrutiva e formativa sobre os alunos.

É necessário, então, que o professor esteja preparado adequadamente para exercer essa influência sobre os alunos.

O professor deve submeter-se ao treinamento indispensável para o exercício da profissão.

Refletindo sobre a Educação Permanente, que se prolonga no tempo e desconhece os espaços, que qualidade deve o professor desenvolver para dar continuidade à educação?

Ao lado de algumas que nos pareceram oportunas e que citaremos adiante, gostaríamos de que todos refletissem e colaborassem com sugestões próprias para o aperfeiçoamento dos outros.

A nós parece que hoje, o professor no Brasil, sobretudo aqueles engajados no processo de educação continuada e integrada deveriam:

- a) tender continuamente a um aperfeiçoamento, desenvolvendo-se para isso a capacidade de autocrítica;
- b) aplicar novas e adequadas técnicas. O estudo e a leitura constantes lhes darão confiança e segurança para aplicá-las;
- c) tentar compreender os alunos. Descobri-los como **pessoa** e encaminhá-los para uma vida social ajustada à sua personalidade e capacidade;
- d) aproveitar-se de tudo que os cerca para ajudá-los na tarefa de educar, pois

desenvolvendo a própria criatividade melhor ajudarão os alunos a desenvolvê-la também;

- e) manter vivo o ideal, para que a atitude profissional seja construtiva e realmente educativa.

Acrescentamos ao que já foi dito, que a **atitude** desejada do "professor", como mais modernamente se compreende, está longe da imagem mais difundida da pessoa que possui um conhecimento e leva esse conhecimento a outros que ainda não a alcançaram.

O que se espera nos programas do MÓBRAL é que o professor coloque os seus conhecimentos **para** os alunos, **motive-os a posse** desse mundo desconhecido de idéias, fatos, conceitos, etc., e os **libere** para que possam ir até mais longe. O professor deve também sentir-se liberado para ir mais além **junto com seus alunos**. Dessa forma surge a imagem do "animador". Não mais o que simplesmente e somente dá mas o que **participa** integralmente e profundamente do processo educativo.

Este tipo de desempenho talvez esteja ainda muito longe de ser alcançado, pois a figura do professor está sobrecarregada de elementos mistificadores que, apesar de algumas vezes o recompensarem afetiva e socialmente, o impedem de **exercer plenamente o seu papel social** de EDUCADOR.

Existem muitas barreiras, condicionamentos que dificultam o desempenho correto do papel; o que é importante é a consciência da nova atitude que a profissão requer, a autocrítica da nossa situação.

Em relação ao professor tradicional, "o papel do animador" está longe de ser mais fácil de desempenhar. Enquanto **põe para fora** dados, informações, o outro está **elaborando** junto com um grupo social. Enquanto um se prende a formas já usadas de trabalho, o outro está em constante pesquisa de **novas** maneiras de ensinar. Enquanto um tem apenas que repetir, o outro entra CRIANDO. Para essa mudança o professor além de ser um técnico, necessita também AGIR corretamente como ator social.

O aluno

Você sabe que para ajudar seus alunos a se educarem não basta dar a eles meios de aprender sobre fatos e coisas. Você pre-

cisa também, e principalmente, ajudá-los a mudar formas de viver, pensar e agir. Para isso você precisa conhecê-los bem.

Também já reparou que nenhuma pessoa é igual a outra e por isso mesmo, não existe uma forma infalível para se lidar com elas.

No entanto, o conhecimento de como sentem, pensam e agem as pessoas em geral, pode ajudar você a conhecer seus alunos, pois todas as pessoas possuem coisas em comum com outras o que as faz agir de forma parecida.

Saber, por exemplo, que seus alunos serão adultos e adolescentes, já indica que eles não são crianças e que você deverá tratá-los de um modo especial. Saber que pertencem à classe pobre é também outra indicação, pois você já reparou que as pessoas de uma mesma classe ou grupo tendem a pensar e a agir parecido, e que há maneiras diferentes de pensar e agir para cada classe ou grupo.

Vamos ver então, com mais detalhes, estas coisas comuns aos adultos e adolescentes que podem servir como uma previsão de como seus alunos podem comportar-se.

Começemos pelos adultos.

Uma pessoa é considerada adulta, em certo grupo ou sociedade, quando ela já alcançou o direito de ser tratada como adulto dentro desse grupo ou sociedade. Isto quer dizer que ser adulto não depende do indivíduo ter completado seu desenvolvimento físico ou mental. Quer dizer simplesmente que ele já tem certas condições que a sociedade em que vive considera como de **adulto**. Por exemplo: na nossa sociedade após os 18 anos, as pessoas têm uma série de privilégios e deveres que os definem como adultos. Há também uma porção de condições que se espera dos adultos, por exemplo: ter possibilidade de sustentar-se, ser independente dos pais, poder constituir sua própria família, etc. Relacionadas a estas condições, estão as condições emocionais, pois o conhecimento do que os outros esperam do nosso comportamento é uma das forças principais que regulam o nosso comportamento.

Em suma, todo adulto tem em qualquer sociedade um lugar mais ou menos fixo ao qual correspondem atividades, formas de pensar, agir e sentir, que regulam o seu comportamento.

Você pode concluir, daí então, que seu aluno adulto vai ser uma pessoa que já **sai** muito bem o que pode e o que não pode fazer, e que seu comportamento não sofre mudanças bruscas.

Enfim, seu aluno adulto já se definiu como pessoa, dentro do seu grupo ou sociedade.

Vejamos agora o adolescente.

Adolescente é uma pessoa que não é mais criança e ainda não é um adulto. Deixa de ser criança quando começa a passar por uma porção de mudanças corporais que terminam quando atinge o desenvolvimento próprio de um adulto (aproximadamente aos 15 anos).

Acontece que, mesmo depois de ter um corpo de adulto, muitos ainda têm que esperar um longo tempo para serem tratados como adultos.

Ora, uma pessoa se conhece e se define em primeiro lugar pelo corpo que tem. Sendo assim, numa primeira fase o adolescente não sabe direito quem é, portanto, como agir, porque seu corpo, que está mudando, não o define nem como adulto, nem como criança. Numa hora ele age como criança, outra hora como adulto; está sempre preocupado com seu corpo, ao qual ainda não se acostumou e que não sabe usar direito.

Numa segunda fase, quando já possui um corpo de adulto, continua a sentir-se indefinido como pessoa porque ainda não alcançou a condição de adulto.

Enfim, para o adolescente não existem aquelas condições mais ou menos fixas, que definem em toda sociedade o comportamento do adulto. Ele procura então situar-se, definir-se como pessoa, tendo como ponto de referência os adultos que o cercam.

Isto traz, como conseqüência, que ele seja: inseguro quanto ao que é e ao que faz; muito variável na forma de agir, de pensar e sentir; muito preocupado com ele mesmo e com o que os outros pensam dele; muito desejoso de se sentir aceito pelos outros; agitado; ansioso; revoltado.

Para fortalecer mais este sentimento de indefinição, a maioria das pessoas que o cercam varia muito na forma de tratá-lo, ora esperando demais dele, ora tratando-o como se fosse criança.

Pelo que foi dito você já pode concluir:

1 — que o comportamento do adulto muda menos porque ele tem um lugar mais ou menos fixo dentro da sociedade, que serve para nortear seu comportamento.

2 — que o comportamento do adolescente vive mudando porque seu lugar é indefinido na sociedade.

Agora veja bem: você já observou que na classe pobre, que é a classe

de seus alunos, é muito comum que pessoas já façam uma porção de coisas que são consideradas como **de adulto**, mesmo antes de alcançar a maioridade. Será que você pode chamar estas pessoas de **adolescentes**?

Como você pode observar, nem sempre uma pessoa entre os 11 e os 18 anos pode ser tida como adolescente.

Você provavelmente só encontrará **verdadeiros adolescentes** entre os que estiverem na fase das mudanças físicas.

Isto quer dizer que nem sempre você encontrará entre os alunos estas diferenças de comportamento tão marcadas.

Você deverá preocupar-se em fazer com que seu aluno adulto ou adolescente encontre sua verdadeira definição.

O que importa é criar condições para evitar atitudes que o impeçam de encontrar "o que ele deve ser na sociedade", que o impeçam de se afirmar como homem adulto, e para desenvolver novas atitudes que o realizem.

É importante levá-los a vencer as atitudes pessimistas que possam apresentar diante da vida, mostrando-lhes oportunidades sobre as quais nunca pensaram, tão absorvidos estavam pelas dificuldades; a valorizarem o conhecimento prático que têm, a sua capacidade de resolver situações concretas, mostrando que resolver uma situação é realmente muito mais importante do que conhecer muitas teorias sem saber aplicá-las, respeitando suas opiniões na solução de problemas.

Isto é um meio de valorizá-lo, de levá-lo a adquirir confiança, de quebrar a timidez que tem diante de você porque é uma pessoa "culto", uma pessoa "que tem instrução" ou diante de pessoas que imaginam ser superiores a ele porque não sabe se valorizar.

Valorizando o seu trabalho, a sua experiência, o conhecimento prático das coisas, a capacidade de resolver situações concretas, suas qualidades artísticas e criadoras, admirando sua capacidade de artesão, o seu dom de resolver as dificuldades de trabalho quando lhes faltam os instrumentos necessários, aprenderão a conhecer-se como grupo social valorizado, perderão a timidez diante daqueles que não os valorizam por possuírem visões falsas do mundo, e desenvolverão atitudes que lhes permitirão afirmar-se socialmente.

Resumindo, nós vimos o quanto é importante para o comportamento das pessoas aquilo que os outros esperam delas e como as tratam. No caso dos adultos e adolescentes, por exemplo, você pode sentir a importância de ter ou não um lugar definido no grupo ou na sociedade para que a pessoa possa conhecer quem ela é. Você pode ver, também, que com algumas variações em relação à idade, seu grupo de alunos constará de pessoas que já se sentem socialmente definidas.

Definição falsa, dirá você, porque os impedia de ver quem eles realmente são, que os diminuía, e que também impedia a sociedade de vê-los e, portanto, de aproveitá-los melhor.

Sua tarefa então será, acima de tudo, ajudá-los a mudar a imagem limitada que têm de si próprios.

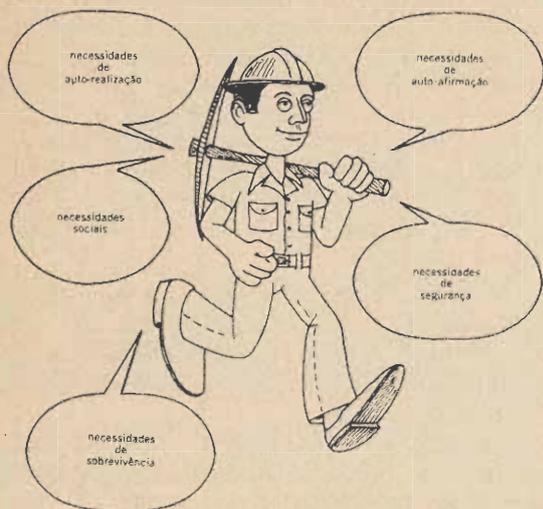
A motivação

Vamos tratar aqui das bases psicológicas da **motivação**.

O ser humano tem motivos para agir, e esses motivos é que canalizam suas energias e interesses para levar adiante uma atividade qualquer. Na base desses motivos vamos encontrar as necessidades (espécie de estado de "falta", que precisa ser suprida para se criar um estado de satisfação).

Sabemos que existem necessidades **comuns** aos humanos (**necessidades básicas**), e outras que são próprias de cada indivíduo e dependem fundamentalmente de sua personalidade (**necessidades específicas**): tais necessidades agem umas sobre as outras, formando assim a base para os **motivos pessoais**.

As necessidades básicas podem ser esquematizadas da seguinte maneira:



1. **necessidades de sobrevivência** — são fundamentais, porque são as **fisiológicas**, e se ligam à sobrevivência individual e da espécie (fome, abrigo, sono, sexuais etc.)
2. **necessidades de segurança** — evitar o perigo, a ameaça, as privações, não perder o que já foi adquirido;
3. **necessidades sociais** — estima, afeto, associação, participação, ser aceito pelo grupo social;
4. **necessidades de auto-afirmação** — adquirir uma posição, confiar em si mesmo, ter confiança no próprio valor;
5. **necessidades de auto-realização** — chegar a realizar ao máximo o próprio potencial.

Estas necessidades existem em todas as pessoas, mesmo que em estado latente e obedecem a uma gradação de **preência**: as mais fundamentais são mais **exigentes** e absorvem a pessoa, mas logo que sejam satisfeitas, ao menos em parte, diminuem de importância e deixam o indivíduo livre para se prender a outras necessidades, **que se tornam então as mais prementes** naquele dado momento.

Ex.: as necessidades de sobrevivência são as mais prementes porque garantem a vida. Uma pessoa faminta prende-se fundamentalmente à necessidade de comer.

Se observarmos o grupo de alunos de nossos cursos, vamos perceber o quanto estão predominantemente ligados às necessidades mais fundamentais (em virtude de suas dificuldades sócio-econômicas) e o quanto estarão prontos a superá-las, logo que tenham oportunidades.

Por outro lado, já mesmo hereditariamente, somos todos diferentes: temos portanto **necessidades específicas**, de nossa personalidade, que podem modificar as necessidades fundamentais. Por exemplo, para certas pessoas a auto-afirmação pode tornar-se mais importante do que a aceitação do seu grupo social, o que vai levá-las a competir de uma maneira exagerada, arriscando-se mesmo a prejudicar laços de estima.

Não podemos, também, esquecer a influência que o maior ou menor valor atribuído pelos grupos sociais a certas características vai exercer sobre as necessidades de cada um.

Sabendo assim quais as necessidades em que se apóiam os motivos, podemos concluir que cada um tem os seus próprios motivos embora existam linhas gerais, de importância para todos.

Os motivos podem estar mobilizados para um fim (motivos "atuantes") ou podem estar "latentes". A qualquer momento podemos despertar um motivo latente, que sabemos existir, **instigando-o**.

Este o papel da **motivação** — motivar não é criar motivos mas **instigar, provocar** motivos que já existem e têm a sua própria força. É, pois, difícil dizer **como** motivar, uma vez que lidamos com pessoas e grupos muito diferentes. Para **motivar**, precisamos:

- 1) — conhecer as pessoas do grupo com o qual lidamos
 - quais suas necessidades básicas?
 - quais suas necessidades específicas?

Por isso, foi feito um estudo sobre o adolescente e o adulto em processo de educação fundamental; isto nos ajuda em parte apenas, pois só a pessoa que lida com um determinado grupo pode chegar a conhecer suas necessidades específicas.

- 2) — conhecer os mecanismos de funcionamento dessas pessoas em um **grupo** (estudo que desenvolveremos a seguir);
- 3) — aproveitar os motivos atuantes e instigar os latentes, no grupo e em cada um.

Manejo de turma

O que é manejo de turma?

É a maneira como o professor supervisiona e coordena o grupo de alunos, em toda a sua dinâmica, nas situações de ensino e aprendizagem, visando criar e manter um clima próprio à obtenção dos objetivos educacionais e instrucionais a que se propõe.

O manejo de turma é uma arte e, como toda a arte, para executá-la exigem-se técnicas.

Essas técnicas são muito simples e se traduzem por meio de conhecimentos, habilidades e atitudes, que o professor interessado procura adquirir e desenvolver, tendo em vista proporcionar a seus alunos melhores condições de aprendizagem.

O desenvolvimento das ciências, da tecnologia, do conhecimento humano trouxe um grande enriquecimento para os métodos e técnicas didático-pedagógicas.

A própria conceituação do processo educativo através dos tempos modificou o relacionamento professor-aluno e escola-comunidade.

Mais do que nunca a escola é hoje uma agência social, um instrumento de mudança e aperfeiçoamento individual e grupal.

O manejo de turma, a maneira pela qual o professor conduz e orienta sua turma, tem que estar de acordo com a finalidade da Escola e com o papel que ela representa na comunidade e para a comunidade.

Algumas técnicas são indispensáveis tais como:

I — Planejamento do trabalho de turma

Planejar faz parte integrante de nossa vida e é tão importante que automaticamente o praticamos, sem contudo ter consciência de que o fazemos. Senão, vejamos. Quando pensamos nos afazeres do dia, dando prioridade às coisas mais importantes e passando para o amanhã os que não puderem ser executados hoje, estamos planejando. A dona-de-casa, quando dá um balanço nos mantimentos e decide, para o almoço do dia, cozinhar feijão, arroz, carne-seca com abóbora e salada de tomate, está planejando a refeição.

Se o planejar é tão importante para nos garantir com êxito a resolução de inúmeros problemas diários, não se compreenderia

que o professor não o fizesse nas situações de ensino.

Há dois tipos de planejamento que julgamos indispensáveis ao trabalho do professor: **planos de curso** e **planos de aula**. Os planos de curso dão uma visão global de como poderá ser desenvolvido o trabalho, prevendo desde os objetivos e o calendário, às horas disponíveis, o conteúdo a ser dado, os recursos e procedimentos didáticos. Os planos de aula são mais restritos do que os planos de curso, porém mais detalhados quanto aos objetivos e procedimentos didáticos.

Em qualquer dos casos, porém, há necessidade de serem colocados os seguintes itens:

- a justificativa (a razão do planejamento e das medidas propostas)
- os objetivos
 - educacionais
 - instrucionais
- as atividades
- os recursos
- o cronograma
- a avaliação

Um esquema para o plano diário poderia ser:

Objetivos Conteúdo Atividades Avaliação

Objetivos	Conteúdo	Atividades	Avaliação

Esses planejamentos, a rigor, não devem ser feitos antes de se iniciar o ano escolar ou o curso a que se destinam, pois que uma das características de bom plano é a sua objetividade e realismo. É necessário conhecer o grupo com o qual se vai trabalhar, as características do meio ambiente para que o planejamento seja adequado a estas características e a esse grupo. O planejamento feito com muita antecedência pode correr o risco de se tornar pouco funcional.

Entretanto, como também os bons planejamentos têm uma outra característica que é a flexibilidade, isto é, podem e devem ser alterados com as condições do momento, as necessidades dos alunos e o andamento do trabalho, as suas linhas mestras ou

melhor, a sua estrutura, podem ser previstas, adiantando o trabalho do professor. É o caso dos aspectos acima propostos.

PLANO DE CURSO

Recomendamos iniciar o plano de curso com o levantamento dos objetos-fins, isto é, os que dizem respeito às finalidades do Curso — o homem, sua integração e participação no desenvolvimento econômico e social do país.

Em seguida, com auxílio de uma folhinha, verifique de quantos dias poderá dispor para seu trabalho com os alunos (dias de aula, anulando os domingos e feriados), as épocas já previstas de evasão, considerando as características da região.

Após o estudo do material didático enviado pelo MOBREAL, selecione o conteúdo organizando uma sequência de assuntos, detalhando bem os aspectos que devem ser abordados, embora não se constituam limites. Serão referências básicas que podem ser enriquecidas.

Procure equilibrar a sequência dos assuntos, seu inter-relacionamento e a duração das atividades que não devem ser muito longas e variadas, sem exagero, a fim de permitir a sistematização necessária à generalização da aprendizagem.

Talvez seja mais fácil planejar, semana por semana, até o final do curso. E sempre estar atento às necessidades de replanejamento e aperfeiçoamento do trabalho.

Procure redigir de forma simples, clara e precisa, com indicações bem exatas e sugestões adequadas e concretas.

PLANO DIÁRIO

O plano diário, baseado no plano de curso, poderá também ser elaborado de forma bastante simples, constando pelo menos os seguintes tópicos:

- Principais objetivos do dia — são objetivos-meios, isto é, diretrizes ou caminhos que nos levarão aos objetivos-fins. Eles dizem respeito à aquisição de conhecimentos e aos hábitos, habilidades e atitudes.
- Assuntos que você vai apresentar, detalhando os itens.
- Atividades, com previsão aproximada de tempo para cada uma, de acordo com o plano de curso. Isto quer dizer que você consultará o plano de curso, para saber o que está previsto. E levará em conta na execução o interesse

dos alunos e a necessidade de se deter em tal ou qual aspecto ou assunto. O plano diário pode e deve ser feito sempre que possível em colaboração com os alunos.

Levantar prioridades de acordo com os objetivos e necessidades, quanto às tarefas, do professor e do aluno, o conteúdo do programa e a carga horária, enfim, dosar as atividades atendendo à realidade do grupo.

Lembramos que essa dosagem depende dos objetivos, necessidades e possibilidades dos alunos.

Exemplo: Quando a dona-de-casa distribui as suas tarefas diárias, determina que: levantar-se-á às 6 horas, comprará o pão e o leite; acordará as crianças; enquanto estas cuidam da higiene; fará o café; lavará a louça e passará a ferro a roupa que já está seca.

Ela está estabelecendo prioridades e dosando as atividades com as horas disponíveis.

- O que será mais importante fazer primeiro?
- De quanto tempo eu posso dispor?
- Haverá possibilidade de passar alguma coisa para a tarde?
- Material utilizado. De acordo com cada atividade, cite o material que vai usar, isto é, o do professor e do aluno. É possível que outros materiais sejam incluídos pelos próprios alunos.
- Avaliação do dia letivo. Como será feita, se através de perguntas orais, curto questionário escrito, através de dinâmica de grupo ou outras formas que você possa criar. Não se detenha demais nos aspectos formais de avaliação. A sua observação constante e cuidadosa e o registro criterioso dessas observações constituem o fator mais importante da avaliação. Talvez seja útil acrescentar algumas palavras, esclarecendo sobre o que pensamos sobre avaliação.

Alguns professores usam os termos avaliar e medir, como sinônimos. Entretanto, há diferenças entre os mesmos e é preciso estar atento para a aplicação correta das medidas.

Avaliar consiste em fazer determinações qualitativas e quantitativas enquanto medir

é especificamente quantitativa. Podemos, no entanto, usar a medida na avaliação. Vamos exemplificar.

Um professor deseja verificar se seus alunos já dominaram regras ortográficas e se são capazes de aplicá-las.

Prepara um teste subdividido em duas partes: um ditado e a explicação do "porquê" de determinadas palavras se escreverem dessa ou daquela forma.

- a) O resultado será dado em graus, correspondente aos acertos (**medida**), segundo da:
- b) Análise qualitativa dos resultados (avaliação) Ex: cinco alunos desconhecem ainda o uso do **s** entre vogais. Necessidade de reforçar esse conhecimento. Ainda não desenvolveram hábitos de limpeza e ordem, uma vez que se pode observar nos trabalhos apresentados, rasuras constantes, má disposição das palavras.

Para avaliação **do dia**, no plano de aula, nos referimos não ao aspecto específico, a uma determinada área de estudo (ortografia, por exemplo) mas a **todas as atividades**, aos conhecimentos, aos hábitos e atitudes observados nesse dia.

Como você pode perceber, o planejamento didático não é tão difícil, desde que se compreenda a necessidade e importância de usá-lo. Talvez seja um pouco trabalhoso a princípio, mas gradativamente você irá crescendo profissionalmente e sentirá que planejar o trabalho de turma deixou de ser um problema, para se tornar um valioso auxiliar.

MOTIVAR OS ALUNOS

Vocês já receberam uma orientação, na qual se procurou mostrar que todas as pessoas têm necessidades básicas, geradoras de motivos.

Procuraremos agora alertar o professor para a aquisição de habilidades úteis, ao como **motivar**, isto é, aproveitar os motivos atuantes e instigar os latentes, nas situações de ensino e aprendizagem.

Didaticamente, diz-se que motivar é despertar o interesse, ou melhor, gerar uma atitude de expectativa, favorável à aprendizagem. Esta, sendo uma atividade pessoal, reflexiva e sistemática, exige do aluno esforço e atenção para os novos campos de observação e estudo, perseverança e continuidade, o que quer dizer que não basta compreender, é preciso também repetir a nova experiência para fixá-la e finalmente

usá-la em situações variadas, transferindo o conhecimento adquirido para essas situações. Tudo isso vai exigir-lhe ainda auto-disciplina, com sacrifício de algumas horas de lazer, recreação e satisfações imediatas.

Houve então uma mudança de comportamento. A pessoa não é o que era antes. Está enriquecida de novos conhecimentos, valores e atitudes. Passou a agir de modo diferente.

Para que os nossos alunos cheguem a tanto, precisam que seus motivos sejam instigados para gerar a atitude de expectativa a que nos referimos na primeira oração.

MANTER AS FONTES DE ENERGIA INTERIOR QUE OS LEVARÃO A APRENDER COM ENTUSIASMO, EMPENHO E SATISFAÇÃO PESSOAL, CONQUISTANDO GRADATIVAMENTE NOVAS ETAPAS DE SUCESSO É, SEM DÚVIDA, UM DOS DEVERES DO PROFESSOR

1.º) QUALIDADES DO PROFESSOR

Certas qualidades do professor são fatores preponderantes para se conseguir a motivação didática. O entusiasmo e dinamismo, a segurança e firmeza percebidos nas atitudes do professor devem ter o poder de contagiar os alunos.

Entretanto, esse deve se preocupar em ser simples e agir com naturalidade, sem exageros, não só nas maneiras, mas ainda no modo adequado de se trajar, para a ocasião.

O tom de voz moderado, nem muito alto, nem baixo demais, porém ligeiramente grave e suave, quase que obriga as pessoas a lançar mão de toda a sua percepção, acuidade auditiva e atenção.

2.º) AMBIENTE DE CLASSE

Cabe aqui ainda, uma referência ao clima emocional, livre de tensões, as relações amigáveis entre professor e aluno e dos alunos entre si. Ao ambiente agradável, caracterizado pela ordem e limpeza e onde todos se sentem aceitos, respeitados e atuantes, deve completar o quadro que o professor criou para o seu trabalho em classe e que lhe deverá assegurar boa dose de sucesso, no que diz respeito à motivação dos alunos.

3.º) MEIOS AUXILIARES

Por último, citaremos os procedimentos didáticos, tais como o uso de cartazes, ál-

bum seriado, quadros de prega, mural e giz, flanelógrafo, slides, réalias, perguntas, fatos reais e outros, que são meios auxiliares, também de grande importância.

4.º) RECOMENDAÇÕES

Concluindo, gostaríamos de deixar-lhes algumas recomendações, que são em última análise aquilo que vulgarmente chamamos de ensinar o "pulo do gato". Estas recomendações irão auxiliá-lo a evitar algumas barreiras que poderão interferir na aprendizagem dos alunos:

- a — Seja breve, isto é, não se alongue demais na motivação inicial de suas aulas, pois motivar é apenas instigar motivos. Há professores que usam tantos meios auxiliares para motivar que por fim ficam perdidos em meio a tanto material, fazendo com que a expectativa dos alunos diminua. É preferível apresentar gradativamente esses materiais, à medida que desenvolva a aula, mantendo o interesse e renovando expectativas.
- b — Mantenha o material audiovisual, que deve ser bem confeccionado e de preferência colorido, sempre com bom aspecto, consertando-os quando se estragarem com o uso. Desenvolva nos alunos os mesmos hábitos referentes aos livros e cadernos.
- c — Varie as atividades, as quais devem ser adequadas ao nível de interesse e necessidades reais dos alunos. Procure exemplos dentro da vivência do grupo, evitando expressões e fatos infantis, tais como "gatinhos", "sapatinhos", "Chapeuzinho Vermelho" e outros idênticos.

Professores há que subestimam o valor do grupo propondo atividades e exercícios muito aquém das possibilidades dos alunos, infantilizando-os ou levando-os ao desinteresse. Outras vezes são questões tão difíceis e complicadas para o nível de cultura que os alunos se desestimulam. É preciso, portanto, procurar o meio-termo. Procure também manter os alunos ocupados com tarefas úteis e agradáveis. O tempo é curto e urge aproveitá-lo pois nossos alunos já perderam muitos anos de sua vida, sem oportunidade de escolarização.

d — Estimule os alunos a novas conquistas. Procure, porém, não desperdiçar elogios inutilmente. Elogios demasiados tornam-se cansativos pois as coisas muito usadas podem perder o seu valor primitivo. Medite um pouco sobre as frases seguintes e pense em outras.

- Muito bem! Vocês estão progredindo!
- Não é isso, vamos pensar mais um pouco?
- Eu tenho confiança em vocês, eu sei que vocês podem fazer!
- Se vocês quiserem, conseguirão acertar.
- Hoje não foi muito bom, mas amanhã vocês terão mais sucesso.
- Vocês já venceram a 1.ª etapa, vamos fazer mais um esforço?

* Tornamos a recomendar ao professor que não se prenda aos exemplos dados e sim use de espontaneidade, criando expressões próprias.

e — Divida a sua atenção com todos os alunos, pois todos, mesmo e principalmente os que aprendem mais lentamente, têm direito à sua dedicação. Lembre-se que seu campo visual deve abranger todo o grupo, de modo geral, e não somente os que se sentam na frente, os mais adiantados ou ainda os de sua preferência. Evidentemente, haverá ocasiões em que você deverá se concentrar em grupos menores para tirar dúvidas ou ajudá-los a vencer barreiras.

Quando perceber que um aluno está distraído, solicite a sua atenção fazendo-lhe uma pergunta. Se ele não souber responder, o que talvez aconteça, não insista e volte a ele passados alguns minutos.

f — Lance mão de toda a sua experiência e potencial criador, para resolver os problemas que surgem, muitas vezes sem o professor esperar. Só você, com sua habilidade, poderá resolver as situações de turma com sucesso, pois o professor é o líder natural da sua turma e os alunos confiam nele.

DINAMIZAR O GRUPO DE ALUNOS

Já vimos no item anterior que o professor deve dar oportunidades iguais a todos, individualizando, tanto quanto possível, o atendimento e a observação.

O processo mais eficaz para o trabalho de classe é sem dúvida trabalhar em grupos.

O grupo de trabalho é a técnica utilizada para dar atendimento mais direto aos alunos, especialmente quando o professor deseja desenvolver determinadas áreas de ensino que não foram bem apreendidas por alguns alunos ou sistematizar conhecimentos.

Nós sabemos que nem todos os alunos têm ritmo igual para aprender. Após as primeiras semanas de aula você perceberá que uns são mais fortes em Matemática e que outros escrevem (copiam) mas não lêem bem. Como trabalhar assim, num grupo tão heterogêneo?

Divida a turma em dois ou mais grupos com dificuldades semelhantes. O professor trabalhará diretamente, apenas com um deles, o que lhe permitirá atender melhor as dificuldades específicas desse grupo. Os outros grupos realizarão tarefas diferentes de acordo com suas necessidades.

Assim, enquanto o professor trabalha diretamente com um grupo, os outros realizam trabalho independente, podendo ou não haver dinâmica ou integração grupal, de acordo com os objetivos que se deseja alcançar.

O trabalho independente pode constituir-se, por exemplo, de exercícios escritos de fixação ou verificação; uma pesquisa sobre determinado assunto de Estudos Sociais, Ciências ou Moral e Civismo, leitura suplementar de fichas confeccionadas pelo próprio professor e muitos outros que o professor possa criar.

As condições básicas para o bom funcionamento do trabalho em grupo são, essencialmente, o clima favorável do ambiente de sala, o planejamento adequado da atividade, o preparo do material para trabalho, a arrumação funcional da sala, bem como a atenção do professor para o desenvolvimento de habilidades de convivência entre os seus alunos.

— Trabalho de equipe.

Este processo é, de todas as formas, altamente socializante e tem por base a dignidade humana conduzindo à auto-realização. Trata-se de "maneiras de trabalhar em conjunto, para resolver problemas comuns ou partilhar idéias".

As pessoas, quando se reúnem com o mesmo objetivo, para fins de trabalho, têm oportunidade de desenvolverem nelas mesmas a compreensão de direitos e deveres, relações humanas positivas, a auto-expressão, o pensamento crítico.

UM DOS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO NACIONAL É O APERFEIÇOAMENTO DA SOCIEDADE, ATRAVÉS DA MELHORIA DO HOMEM, NÃO SÓ CONSIDERADO ISOLADAMENTE, MAS EM SUAS RELAÇÕES COM OUTROS HOMENS.

O trabalho escolar realizado em termos de dinâmica de grupo se recomenda nas situações de ensino e aprendizagem, a fim de que os alunos possam transferir a experiência com maior facilidade, para as situações reais da sua comunidade.

As pessoas, dentro do limite de suas finalidades, passarão a reconhecer, definir e solucionar problemas comuns, através da dinâmica de grupo, traduzida pela participação de todos os elementos, na medida de suas aptidões, na interdependência e integração, trabalhando o grupo, como um todo.

Há várias atividades onde se pode conseguir a dinâmica de grupo e Você deve tentar utilizá-la em classe. São elas: as discussões, planejamento cooperativo, trabalho de grupo, conversas, debates, avaliação cooperativa, etc.

Para a realização do trabalho de equipe, algumas condições básicas condicionam o seu sucesso. São elas:

A — PLANEJAR O TRABALHO

O primeiro passo seria ter objetivos concretos a alcançar. A certeza de que o problema, a idéia, a situação ou a questão merecem ser discutidos, é da maior importância.

O professor, sem perder de vista os planos de curso e de aula já elaborados, reflete e depois redige os objetivos.

Em seguida deve preparar os alunos para esse tipo de trabalho, principalmente quando ainda não estão familiarizados com o mesmo.

Mais tarde, quando essa atividade já se tiver tornado quase uma rotina para eles, alguns dos "passos" que indicaremos a seguir podem ser suprimidos, a critério do professor.

O preparo prévio a que nos referimos, faz parte do planejamento do professor e diz respeito a:

I — criar condições emocionais favoráveis ao trabalho, o que pode e deve ser conseguido, gradativamente, desde o primeiro dia de aula.

II — dar explicação clara, aos alunos, da dinâmica do trabalho, detalhando suas etapas.

a) — Os objetivos, o que nós vamos querer com essa atividade, e onde ela nos conduzirá. O professor, embora já tenha os seus objetivos, levará os alunos a redescobri-los.

b) — A divisão da turma em grupos, dois ou três a princípio, e que essa divisão obedecerá à livre escolha. Essa divisão nunca deverá ser sempre a mesma, em todas as ocasiões.

c) — As funções dos elementos do grupo, mostrando a necessidade de haver um aluno responsável pelas atividades do seu grupo e quais as suas funções específicas ou como deverá atuar. Explicar que esse líder deve ser eleito pelo grupo e preferentemente ser uma pessoa de iniciativa, saiba estimular as idéias dos outros, fazer perguntas diretamente, sem rodeios, saiba se manter neutro.

Uma das funções do secretário será fazer a síntese dos trabalhos. O secretário deverá auxiliar o líder, na condução das atividades, chamar a atenção quando o grupo se desviar do assunto, e redigir as conclusões finais.

d) — A distribuição das tarefas. O professor poderá se reunir previamente com o grupo, para decidirem juntos as tarefas que caberão a cada grupo. O líder ficará então com a responsabilidade de transmiti-las aos membros.

e) — A execução das tarefas, com a participação de todos os elementos do grupo, para atingir os objetivos propostos.

f) — As conclusões e relato oral das mesmas.

g) — Síntese geral de todos os grupos ou recomendações elaboradas com o auxílio do professor e escritas no quadro, a giz. Essa síntese poderá depois ser passada para uma cartolina e afixada no quadro-mural, que deve existir nas salas de aula.

h) — Há equipes em que é possível atribuir outros papéis além do coordenador e do secretário.

O crescimento da equipe, sua interação conduz seus participantes a formas cada vez mais eficientes e produtivas de trabalho.

No trabalho em equipe a capacidade de liderança é desenvolvida, há a troca de dons e o enriquecimento se faz havendo Promoção Humana. O processo educativo atinge a seu objetivo-fim, permitindo ao Homem o uso de seu potencial para seu aperfeiçoamento próprio e para o Bem-Estar Social.

Aceleração

A condição atual do sistema educacional brasileiro pode ser resumida nos seguintes itens:

- esquema rígido;
- desconhecimento da realidade brasileira e das necessidades locais;
- excesso de períodos ociosos;
- falta de funcionalidade;
- falta de flexibilidade;
- conteúdos programáticos únicos;
- recursos humanos despreparados para a função
 - capacitação inadequada
 - desvalorização da profissão
- espaço físico insuficiente e mal aproveitado

A implantação da Reforma requer, no entanto, que o sistema educacional sofra modificações quanto a:

- esquema adaptável;
- atendimento à realidade e às necessidades locais;
- aproveitamento e mobilização de todos os recursos;
- funcionalidade;
- flexibilidade;
- conteúdos programáticos básicos e oportunidades de enriquecimento;
- recursos humanos capacitados para o desempenho da função, com oportunidades de aperfeiçoamento contínuo e devidamente remunerados, a fim de permitir o aproveitamento de aptidões e a continuidade na função.

Os programas de aceleração, tão necessários para atender a defasagem de uma grande parte da população, necessitam antes de mais nada de uma reformulação e adequação do sistema educacional em seu aspecto operacional.

CARACTERÍSTICAS DE TODO ESTUDANTE ADULTO

Além das características que distinguem os adultos analfabetos daqueles que receberam melhor educação, há certas características que distinguem os estudantes adultos em geral dos estudantes mais jovens. Entre estas estão as seguintes:

- 1 — **O estudante adulto tem idéias mais fixas que o jovem** — Através dos anos teve uma vivência maior, e por isso tem idéias mais determinadas sobre o que está bem ou mal. Isso tem que ser modificado, pouco a pouco, para que ele aprenda melhor.
- 2 — **Geralmente precisa de mais tempo para realizar uma tarefa** — O adulto é capaz de aprender, embora suas reações sejam mais lentas, exigindo maior compreensão dos que com ele trabalham.
- 3 — **É mais impaciente pelos resultados da aprendizagem** — Assim, é menos tolerante com as tarefas que não têm ligação imediata com o que deseja alcançar.
- 4 — **Precisa de explicações claras para as tarefas de estudo** — Isto é particularmente certo entre adultos de mais de trinta e cinco anos.
- 5 — **Tem que dividir seu tempo entre suas obrigações e sua educação** — e como, geralmente, estuda à noite, está cansado quando vem à aula.
- 6 — **Tem mais experiências de vida** — e isto lhe facilita relacionar novos fatos com suas próprias experiências.
- 7 — **O voltar a estudar para ele mereceu uma forte decisão** — e sua permanência representa para ele um sacrifício considerável. E já que tomou esta importante decisão, espera e merece que seja tratado como um adulto.

VOCÊ CONHECE AS LEIS BÁSICAS DA APRENDIZAGEM?

A lei do efeito — As pessoas tendem a aceitar e repetir aquelas respostas que são agradáveis e que lhes satisfazem, e a evitar aquelas que são desagradáveis. Se o adulto se matricula em um curso esperando aprender a ler e descobre que está desfrutando do processo, quererá seguir assistindo à aula. Além disso, quererá matricular-se em outros cursos quando termine este.

Em resumo, "nada tem tanto êxito como o êxito". Os alunos devem experimentar satisfação pessoal em cada atividade de aprendizagem e devem alcançar algum êxito em cada aula, dominando alguma idéia ou conceito.

A lei da primazia — As primeiras impressões são as que perduram. Isto significa que as primeiras aulas são as mais importantes. O professor deve despertar o interesse, criar uma sensação de necessidade da escola e assegurar-se de que os alunos possam aprender bem, desde a primeira explicação.

A lei do exercício — Quanto mais se repete uma ação, mais rápido se converte num hábito.

A prática leva à perfeição se a mesma é correta. A prática errônea também se converte num hábito — é muito difícil de romper. O professor tem que se assegurar de que seus alunos estão trabalhando corretamente.

A lei do desuso — Uma habilidade que não se pratica ou um conhecimento que não se usa se perdem em sua totalidade ou se esquece. O professor deve reconhecer o valor da repetição na sala para reforçar habilidades ou conhecimentos recém-adquiridos. Tem-se realizado estudos que mostram que o período imediatamente após o processo de aprendizagem é o mais crítico em termos de retenção. Os conceitos importantes devem repassar-se, depois da explicação inicial.

A lei da intensidade — Uma experiência de aprendizagem dramática e excitante será mais fácil de ser recordada que uma experiência rotineira ou aborrecida. Isto não significa que a sala de aula deva converter-se num circo ou num carnaval. Mas os professores (e seus cursos) mais lembrados são aqueles que dão vida a seus cursos. O ensino pode ser dramático e realista, mediante o uso de exemplos vivos e outros materiais suplementares.

Relação entre Aprendizagem e as exigências práticas de instrução e treinamento

Teoria da Aprendizagem
Resumo — E. R. Hilgard — págs.
607 a 609

As teorias servem a mais de um propósito: tentam organizar o conhecimento existente, tentam fornecer linhas de orientação ou hipóteses para novo conhecimento e podem, também, fornecer princípios pelos quais o que é conhecido pode ser usado. Este resultado prático raramente é central no pensamento do construtor da teoria, e não surpreende, portanto, que a pessoa que procura conselho com o teórico da aprendizagem saia frequentemente desapontada. Por exemplo, Newman, escrevendo sobre o estado atual da teoria da aprendizagem, diz que, para muitas habilidades práticas como as necessárias no beisebol, na esgrima, no boxe, nos saltos ornamentais ou na dança, "um pé de coelho vale tanto quanto o sábio conselho do psicólogo". Embora o ceticismo de Newman aqui seja extremo, ele, ao menos, nos põe de sobreaviso para não esperarmos muito do teórico da aprendizagem, no campo prático.

ALGUM ACORDO QUANTO AOS ASSUNTOS PRÁTICOS

Acontece, entretanto, que muitas das discordâncias dos teóricos são lutas internas, não muito importante em relação a problemas práticos imediatos; há, na verdade, muitas relações experimentais praticamente importantes nas quais os teóricos concordam substancialmente. Isto é, aceitam os fatos de-

monstrados, mesmo que discordem quanto à interpretação desses fatos. Se as diferenças teóricas são irreconciliáveis, e uma posição eventualmente vencer as outras, haverá em última análise um efeito sobre a prática. Mas, hoje, os conselhos para as pessoas práticas não precisam esperar pela resolução dessas controvérsias teóricas.

Aqui vão algumas afirmações com as quais, espero, a maioria dos teóricos da aprendizagem concorde. Seria muito querer um acordo perfeito, pois algumas afirmações necessitam muitas qualificações e há sempre alguns teóricos que fazem questão absoluta de palavra.

1 — Ao decidir-se quem deve aprender o que, as capacidades daquele que aprende são muito importantes. As pessoas mais inteligentes podem aprender coisas que as menos inteligentes não podem; em geral, crianças mais velhas podem aprender mais prontamente que as mais jovens; o declínio da habilidade com a idade, na época adulta, depende do que se aprende.

2 — Uma pessoa que aprende, sendo motivada, adquire o que aprende mais prontamente que a que não está motivada. Os motivos relevantes incluem tanto os gerais como os específicos, por exemplo, desejo de aprender, necessidade de realização (geral), desejo de determinada recompensa ou de evitar uma punição ameaçada (específico).

3 — A motivação, sendo muito intensa (especialmente dor, medo, ansiedade), pode ser acompanhada de estados emocionais que perturbam, de modo que a motivação excessiva pode ser menos eficaz do que a motivação moderada para se aprender certos tipos de tarefas, especialmente as que envolvem discriminações difíceis.

4 — A aprendizagem sob o controle da recompensa é comumente preferível à aprendizagem sob o controle da punição. Correspondentemente, a aprendizagem motivada pelo êxito é preferível à aprendizagem motivada pelo fracasso. Mesmo que a questão teórica ainda esteja sem solução, o resultado prático deve levar em consideração os subprodutos sociais, que tendem a ser mais favoráveis sob a recompensa do que sob a punição.

5 — A aprendizagem sob motivação intrínseca é preferível à aprendizagem sob motivação extrínseca.

6 — A tolerância quanto ao fracasso é melhor ensinada proporcionando-se uma reserva de êxitos que compense o fracasso experimentado.

7 — Os indivíduos necessitam de prática na fixação de objetivos realistas para eles próprios, objetivos nem tão baixos que aliciem pouco esforço nem tão altos que predeterminem fracasso. A colocação realista de objetivos leva a progresso mais satisfatório do que a colocação não realista de objetivos.

8 — A história pessoal do indivíduo, por exemplo, sua reação à autoridade, pode tolher ou aumentar sua habilidade de aprender com um dado professor.

9 — A participação ativa de uma pessoa que aprende é preferível à recepção passiva que existe quando se aprende, por exemplo, com uma preleção ou um filme.

10 — Materiais com sentido e tarefas significativas são apreendidos mais prontamente que materiais sem sentido e que tarefas sem significação para a pessoa que aprende.

11 — Não há substituto para a prática repetitiva na superaprendizagem de habilidades (por exemplo, o desempenho de um concertista de piano), ou na memorização de fatos não relacionados que devam ser automatizados.

12 — A informação sobre a natureza de um bom desempenho, conhecimento dos próprios erros e conhecimento dos resultados bem sucedidos, ajudam a aprendizagem.

13 — A transferência a novas tarefas será melhor se, ao aprender, a pessoa que aprende puder descobrir relações por si mesma e, se tiver experiência, durante a aprendizagem, em aplicar os princípios dentro de uma variedade de tarefas.

14 — Evocações espaçadas ou distribuídas são vantajosas na fixação de material que deve ser retido por longo tempo.

Esses pontos não são nem sistemáticos nem compreensivos. Foram apresentados simplesmente para tornar concreta a sugestão de que há uma quantidade de generalizações úteis sobre as quais os estudiosos da aprendizagem concordam substancialmente.

Avaliação

Fundamentação

A Educação é um processo global, inclusivo e abrangente, permanentemente enriquecido, no que diz respeito a meios e técnicas em decorrência do progresso das ciências em nossa época e a valorização da criatividade do educando e do educador.

Por outro lado, o processo educativo é igualmente um processo social, uma vez que decorre de uma necessidade de comunicação interna (dentro da sociedade) de determinados padrões, valores, hábitos, atitudes e conhecimentos considerados úteis por uma dada sociedade. Por este motivo é o processo, apesar de universal nos grupos humanos, mutável no tempo e no espaço, uma vez que a própria sociedade é, também, uma realidade variável, em constante transformação, em mudança.

Um aspecto da Educação, particularmente importante na realização satisfatória do processo educativo, é a avaliação.

Segundo um consenso internacional, avaliar significa descrever alguma coisa em termos de qualidades, objetivos ou atributos selecionados. Significa julgar, em que grau, o que está sendo realizado, pode ser aceito como válido e adequado.

É acompanhar de forma crítica um processo, no caso um processo educativo.

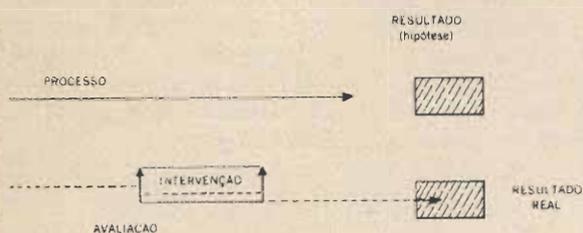
A avaliação pressupõe também a intervenção durante o processo.

Sendo o processo educativo como já foi dito um processo social, isto é, ocorrendo dentro do "mundo do social": a) envolve grupos sociais (família, grupos religiosos, e outros), do qual o mais amplo é a própria sociedade; b) possui conteúdos definidos pela sociedade como valores dignos de trans-

missão; c) é orientado para funcionar como uma agência social onde os indivíduos, os grupos encontram uma forma reconhecida na obtenção de uma posição, "status".

Estando de tal forma ligada à sociedade, a avaliação do processo educativo não pode se restringir a uma simples mensuração dos aspectos didático-pedagógicos do processo em si. A supervalorização de tais aspectos representaria uma distorção de visão, de compreensão realística do que seja Educação. Se nos detivéssemos nos aspectos formais do processo estaríamos invertendo a abordagem correta que deve ser a de uma visão de cima, abrangente do processo educativo dentro da sociedade que o contém e não a de uma visão microscópica e por se tratar de um processo social distorcida.

Não é somente obter resultados de um produto final, mas inclusive, também, do processo e do significado desse processo dentro do grupo social maior. É verificar se a montagem do processo faz com que o trabalho obtido possua validade social para os indivíduos ou grupos que dele participam.



Em Educação, a avaliação deve abranger todo o processo educativo, que envolve muitos aspectos e os seus resultados. Por exemplo: o programa, o currículo, o educando, o educador, a comunidade, os objetivos, as atividades, os recursos, a filosofia (social e funcional) etc. . . .

Na técnica de avaliação há um escalonamento de itens que são investigados em determinados momentos do processo. Isto não quer dizer que alguns aspectos sejam verificados no decorrer do processo.

A avaliação vem passando por uma evolução que corresponde à visão do mundo, às concepções de personalidade, ao tipo do conhecimento humano, à estrutura do sistema educacional, às experiências realizadas, às leis e regulamentos, ao contexto-sócio-cultural.

ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DO PROCESSO EDUCACIONAL

Historiando um pouco a evolução das tendências educacionais poderíamos resumidamente verificar as seguintes posições: Até, aproximadamente, mil novecentos e quarenta e dois, o educador (professor) era a figura central. Ele devia "transmitir", "cultivar a inteligência" e "formar bem o caráter do aluno". Era o dogmatismo e o autoritarismo, sendo o método usado o expositivo.

O educando (aluno) devia ajustar-se às exigências didáticas, sendo um bom ouvinte e usar a memorização, eficientemente.

A avaliação era então formal, as "provas" tradicionais mediam uma "área limitada da matéria" e o fator "sorte" era importante. Ao aluno só interessava a nota, "ser aprovado... passar".

Era significativo o número de alunos prejudicados por perturbações emocionais.

Dessa época até os últimos anos da década de cinquenta, houve uma mudança sensível. O educando passou a ser o protagonista da ação pedagógica educativa. Ele teve oportunidades de auto-expressão, de iniciativa, de criatividade. Houve um predomínio da ciência e da técnica na elaboração de programas e projetos. Os educadores passaram a usar provas objetivas e as transformaram em métodos e técnicas de ensino.

Houve uma preocupação exagerada com o aspecto técnico das verificações. Isso levou os professores a perderem de vista os fins da avaliação.

O "como avaliar" sobrepujou o "que avaliar", em detrimento quase total do "por que" e do "para que" avaliar.

VISÃO TOTAL

Nos últimos anos tem predominado a idéia de que professores, alunos, escola, pais e todas as agências e pessoas são responsáveis pela Educação, e numa linha mais avançada, a própria comunidade como um todo está envolvida e comprometida, caminhando todos juntos, interessadamente, para objetivos e finalidades que entenderiam e desejariam.

Educandos, educadores, família e comunidade estão se identificando na compreensão, na busca e na realização das mesmas finalidades e assim certos conceitos básicos foram formados e constituem pontos básicos dessa identificação:

- os grupos humanos são por si só, heterogêneos;
- cada pessoa tem o direito de acompanhar o grupo de sua geração, sejam quais forem suas aptidões;
- o rendimento de cada pessoa, as etapas vencidas, devem corresponder a sua aptidão pessoal (potencial individual) e não a gabaritos empiricamente estabelecidos "a priori" etc.

A avaliação toma, assim, um sentido de aferição, diagnóstico, de modo que permite, tanto aos que aprendem, como aos que ensinam, verificar como estão sendo alcançados os objetivos e finalidades que **juntos**, se propuseram a atingir.

Esta nova perspectiva de avaliação enfatiza a importância de muitos outros elementos e aspectos relativos ao desenvolvimento pessoal total e que antes não eram nem considerados. Entre estes podemos incluir os aspectos mais amplos do processo educativo: econômicos, culturais e sociais.

— Concluindo

A avaliação é por tudo isso, um processo também eminentemente educativo: pressupõe além do medir, o diagnosticar, o orientar, o informar, o transformar, o CONHECER PARA ATUAR MELHOR.

Avaliar é conscientizar a ação educativa. Consiste, fundamentalmente, no estudo e interpretação das mudanças efetuadas no comportamento global da pessoa conforme os objetivos educacionais e instrucionais a serem atingidos pela ação educativa.

Avaliar não é só atribuir ou dar valor, mas também, realizar uma busca de valores e por isso, a avaliação deve estar sempre relacionada com os objetivos sociais e com todas as atividades educacionais do processo.

"Só conhecemos os homens, quando conhecemos os critérios de valorização a que eles obedecem. É desses que dependem, em última análise, o seu caráter e o seu comportamento, em face das situações de vida."

Mas, precisamente, para podermos apreciar as valorizações dos outros, é preciso possuímos, antes de mais nada, um conhecimento profundo e largo dos nossos próprios valores e da sua escala.

Isso equivale a reconhecer que o conhecimento de nós mesmos é condição funda-

mental e a auto-avaliação é essencial e básica na avaliação.

A avaliação é necessária e indispensável aos propósitos educacionais sendo, porém, uma medida complexa, que será tanto mais facilmente aceita, compreendida e aproveitada, quanto maior for a colaboração dos participantes e encarada como parte natural de progressão pessoal e grupal.

Os instrumentos de avaliação (questionários, formulários, fichas, testes, provas, entrevistas, debates, apreciação de trabalhos, observação, inventários, arquivos, relação de livros lidos, interesses etc.) são variados e a avaliação deverá ser sempre compreensiva, cooperativa e abrangente.

Para que se possa definir um sistema de avaliação, é necessário uma reflexão sobre os objetivos e aspectos básicos desse processo e qual seu significado na Educação Moderna.

— Um esquema para avaliação em Educação

— **O que pode ser avaliado**

O plano global de uma organização (classes, escolas, cursos etc.)

- Aspectos do plano educacional
- Pessoas envolvidas ou atingidas pelo plano educacional

— **Que aspectos devem ser avaliados**

- A estrutura do trabalho
- Os processos usados no trabalho
- O produto do trabalho

— **Etapas necessárias para o trabalho de avaliação**

- Definição de objetivos
- Definição clara do que deve ser avaliado e quando
- Organização de instrumentos que permitam avaliar
- Registro das avaliações
- Análise da avaliação para replanejamento (intervenção)

— **Quem deve avaliar**

- Todos os membros da organização, de acordo com suas funções e atribuições

— **Quando se deve avaliar**

- Sempre. O processo de avaliação é contínuo, pois é ele que garante a fidelidade dos objetivos, mas é possível se estabelecer alguns momentos específicos para a avaliação de aspectos que seriam mais oportunos de detectar em determinadas etapas do processo.

Material Didático

Como já foi dito anteriormente, no Programa de Educação Integrada, ENSINAR é promover oportunidades para o desenvolvimento integral da pessoa humana. APRENDER é, pois, aproveitar essas oportunidades para se organizar e modificar seu próprio comportamento.

Assim, entende-se por material didático, tudo aquilo que possa auxiliar o professor e o aluno, no ENSINO e na APRENDIZAGEM.

Partindo desse princípio, o material didático não é somente aquele que se utiliza na sala de aula, mas todo o "meio audiovisual" que possibilite a melhor compreensão do que se quer aprender ou ensinar.

Através do material didático a comunicação entre professor-aluno e entre alunos se fará mais facilmente, pois ele contribui para que todos tenham a mesma compreensão do que se quer ensinar.

Dentro do Programa de Educação Integrada, o material didático deve servir para desenvolver a criatividade e levar o indivíduo a adquirir um pensamento reflexivo, não devendo esgotar o assunto, mas apenas **sugerir**, a fim de que o tema apresentado seja desenvolvido com debates, pesquisas, estudos em grupo, etc... (Ex.: cartaz/tijolo).

Muitas vezes o professor e/ou aluno como participantes de um grupo, não conseguem comunicar suas idéias de maneira clara somente com a exposição oral. Entretanto, se usarem gravuras, mapas, quadro-negro, giz, cartazes, ou exemplos de suas próprias experiências do dia-a-dia, as idéias e os sentidos das coisas passam a ser facilmente entendidos.

Nem sempre é fácil comprar Material Didático. O local em que se vive pode estar distante dos "grandes centros" e/ou pode haver um impedimento de ordem econômica.

Essas dificuldades, porém, serão superadas se o professor e o aluno usarem recursos de seu próprio meio para enriquecerem suas aulas e seus conhecimentos.

Pensa-se, por exemplo, que um cartaz só pode ser feito comprando-se a cartolina e os pincéis. Entretanto, tendo-se um papel de

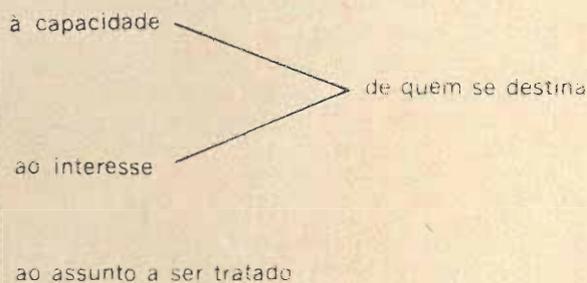
embrulhos, pode-se muito bem utilizá-lo, nele desenhando e escrevendo com carvão ou lápis.

O programa de um curso deve estar relacionado com os problemas, as necessidades e os interesses daqueles a quem se destina. O material didático, sendo um meio para tornar mais fácil a compreensão desse programa, deve estar em função do assunto a ser tratado, da capacidade e do interesse do aluno.

Resumindo, pode-se dizer que o Material Didático tem por finalidade:

- 1 — Ajudar na motivação da aprendizagem
- 2 — Levar o aluno a obter novas experiências
- 3 — Concretizar o que estiver sendo exposto oralmente pelo aluno e pelo professor
- 4 — Facilitar a compreensão dos fatos e conceitos
- 5 — Economizar esforços

Entretanto, para que o Material Didático seja realmente um **auxiliar** no ensino e na aprendizagem, deve estar adequado:



BIBLIOGRAFIA

- 1 — **Educação e Vida** — Pierre Furter
- 2 — **Educação Como Prática da Liberdade**
— Paulo Freire
- 3 — **Impasse na Educação** — Lauro de Oliveira Lima
- 4 — **Tecnologia, Educação e Democracia** —
Lauro de Oliveira Lima
- 5 — **Escola Secundária Moderna** — Lauro
de Oliveira Lima
- 6 — **Elementos de Psicologia** — David Krech
e Richard Crutchfeld
- 7 — **General Psychology** — Charles T. Morgan
- 8 — **Introdução à Psicologia da Criança** —
Paul Osterrich
- 9 — **Texto-Base de Educação Integrada** —
MOBRAL
- 10 — **Educação Para Liberdade** — Anísio Teixeira